PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A GLOSSOLALIA COMO FENÔMENO COMUNITÁRIO: O SENTIDO DO PENTECOSTES ONTEM E HOJE

YASK GONDIM DA SILVA

GOIÂNIA
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A GLOSSOLALIA COMO FENÔMENO COMUNITÁRIO: O SENTIDO DO PENTECOSTES ONTEM E HOJE

YASK GONDIM DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião como requisito prático para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros

GOIÂNIA
2013

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586g Silva, Yask Gondim da.
A glossolalia como fenômeno comunitário : o sentido do pentecostes ontem e hoje [manuscrito] / Yask Gondim da Silva. – 2013.
90 f. il., mapa ; 30 cm.

Bibliografia: f. 87-90
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, 2013.
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros
Inclui lista de figuras.

1. Glossolalia. 2. Cristianismo. 3. Pentecostes. 4. Linguagem – aspecto religioso. I. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. II. Título.

CDU: 2-534.7(043.3)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM 26 DE JUNHO DE 2013 E APROVADA COM A NOTA 8,5 PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás (Presidente) _____

2) Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Membro) _____

3) Dr. Itelvides José de Morais / UEG (Membro) _____

“Tudo posso naquele que me fortalece.” Filipenses 4:13

Para Divina Cipriano, Alípio Gondim, Rhaykon e Chanttanhy meus principais incentivadores que sempre acreditaram e contribuíram para que eu pudesse concluir esse trabalho. Vocês me fazem ter certeza que o amor existe e é possível ser vivido. Sem vocês não teria conseguido alcançar o que tenho alcançado.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador, que mudou minha história e me fez acreditar que era possível transpor barreiras consideradas intransponíveis com dedicação e perseverança e me deu forças para a caminhada.

A Divina Cipriano, minha mãe e companheira que me apoiou e me animou com seu amor e palavras doces. Seu apoio e confiança foram indispensáveis para realização deste projeto.

A meu pai Alípio Gondim, que me incentivou a continuar estudando e a buscar novos conhecimentos.

A minha filha Raquel Helena, com sua doçura e compreensão pelas horas que estive ausente.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, minha família que me orgulho por ser quem são.

A Gilberto de Jesus Soares, mesmo em meio as intempéries surgidas pelo caminho, auxiliou para a concretização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Joel Antonio Ferreira pelas valiosas orientações e sugestões apresentadas.

Ao Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros pelas orientações que me fizeram ver coisas que até então me eram completamente desconhecidas. A sua ajuda foi essencial para a realização deste trabalho.

Aos professores e professoras do programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás por compartilhar seus conhecimentos com amor e entusiasmo contagiantes.

Ao Prof. Dr. Valmor da Silva pelas suas aulas tão ricas que ficaram na saudade e as sugestões apresentadas no processo de qualificação deram um esclarecimento necessário para o desenvolvimento do trabalho.

Aos colegas do programa que durante o curso compartilharam não apenas seus conhecimentos, mas também sua amizade que sempre alimentava a vontade de voltar a cada semana às aulas, apesar da distância e do cansaço.

Ao colega Prof. Ms. Marco Antônio Pereira de Abreu, o qual semeou a ideia de buscar novos conhecimentos para minha vida profissional.

RESUMO

SILVA, Yask Gondim da. A Glossolalia como Fenômeno Comunitário: O Sentido do Pentecostes Ontem e Hoje . Goiânia. PUC Goiás, 2013.

Este trabalho é uma dissertação sobre a Glossolalia, acontecida como descrita na Bíblia cristã, especialmente no livro de Atos dos Apóstolos, conhecido como o “falar em línguas”, e tem, como foco, o fenômeno em si nas suas relações com a comunicação e, em especial, com a comunicação cristã. Busca esclarecer sua importância como fenômeno inaugural da igreja, ocorrido durante a festa de Pentecostes na cidade Jerusalém (séc. I d. C.); pretende também mostrar seu papel na difusão do Cristianismo mundo afora; e, finalmente, informar que essa difusão só foi possível porque a glossolalia e a comunicação são fenômenos que mantêm uma relação de interdependência e complementaridade entre si.

Palavras-chave: Glossolalia, Pentecostes, Espírito Santo, Comunicação.

ABSTRACT

Silva, Yask Gondim da. The phenomenon glossollary as community: the sense of pentecosts yesterday and today.

This article reflects the study of glossollaly as described in the Holy Bible, particularly in the book of the Acts of the Apostles, known as the "speaking in tongues", and it has, as its focus, the same phenomenon and its relationship with the media, in particular, with the Christian communication. The aim is to clarify its importance as an inaugural phenomenon that occurred during the feast of Pentecost in the city of Jerusalem (1 d.C); also to show its role in the dissemination of Christianity worldwide; and finally, inform that this dissemination was only possible because the glossollaly and communication are institutions which maintained a relationship of interdependence and complements between themselves.

Keywords: Glossollaly, Pentecost, The Holy Spirit, Communication.

LISTA DE FIGURA

Mapa: O Pentecostes Atos 2,8-11 60

SUMÁRIO

RESUMO 07
ABSTRACT 08
LISTA DE FIGURAS 09

1 INTRODUÇÃO …….....12

2. O SAGRADO E A LINGUAGEM.....16
2.1 O SER HUMANO E A EXPERIÊNCIA COM O SAGRADO …….....17
2.2 LINGUAGENS, SÍMBOLOS, MITOS E RITOS 20
2.3 A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM PARA COMPREENDER O FENÔMENO RELIGIOSO EM PENTECOSTES 24
2.3.1 A Comunicação e Linguagem de Jesus Cristo ...…….....……28
2.4 A RELIGIÃO COMO FORNECEDOR DE SENTIDO E EQUILÍBRIO PARA SOCIEDADE .....…….....……27
2.4.1 Uma linguagem única capaz de unir todos os povos: a linguagem do amor 30
2.5 PENTECOSTES COMO FENÔMENO RELIGIOSO ...…….....…32
2.5.1 A Manifestação do Sagrado 34
2.6 Visão do Livro de Atos dos Apóstolos 35

3 O ESPÍRITO GERA A IGREJA ATOS (2, 1-13): 39
3.1 EXEGESE DE ATOS (2,1-13) .....…….....……39
3.2 UMA VISÃO RÁPIDA DO AMBIENTE SÓCIO-POLÍTICO DA ÉPOCA DE JESUS 42
3.3 O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO …….....46
3.3.1 A Vinda e Obra do Espírito Santo …….....……47
3.3.2 O Espírito capacita falar a língua vernácula das nações representadas No Pentecostes 50
3.4 SOB A DIREÇÃO DO ESPÍRITO SANTO ……..…52
3.5 O IMPACTO DO FENÔMENO DE PENTECOSTES NA COMUNICAÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ ……..…57
3.6 A FORMAÇÃO DO NOVO POVO DE DEUS (AT. 2,5-11) ……..59

4 GLOSSOLALIA: UM DOM DO ESPÍRITO SANTO 65
4.1 O DOM É PASSÍVEL DE CONTROLE PESSOAL 66
4.2 A EXPERIÊNCIA DE CONVERSÃO 67
4.3 A PRÁTICA GLOSSOLÁLICA (O FALAR EM LÍNGUAS) 69
4.4 O INÍCIO DO MOVIMENTO PENTECOSTALISTA 73
4.4.1 O avivamento na Rua Azuza: Um marco para o Pentecostalismo atual 74
4.5 UM NOVO PENTECOSTES 77
4.6 A MODERNIDADE RELIGIOSA 78
4.6.1 A Religião e a Globalização 80
4.7 A HUMANIZAÇÃO DA VIDA COMUNITÁRIA 83
CONCLUSÃO 85
REFERÊNCIAS 87

INTRODUÇÃO

A glossolalia como fundamento comunitário, dentro da perspectiva do Pentecostes conforme narrado na Bíblia no livro de Atos dos Apóstolos do capítulo 2; versículos 1 ao 13, é o estudo do presente trabalho. Esse evento se tornou o marco oficial do surgimento das primeiras comunidades cristãs.

O evento de Pentecostes é uma narrativa que conta o sublime. Pode-se dizer que uma nova história religiosa da humanidade começou a partir desse fenômeno religioso, no qual, a glossolalia se destaca como uma experiência profunda sobre aqueles a quem foi manifestada e completamente incompreendida para aqueles que a observavam.

O objeto do estudo desse trabalho é a manifestação da glossolalia como uma prática religiosa que é capaz de transformar pessoas, de construir identidades, de unir comunidades. Pretende apresentar a Glossolalia de ontem, a do texto bíblico, e a dos dias atuais nos movimentos pentecostais. Busca esclarecer a importância dessa experiência religiosa que é conhecida como o "falar de línguas estranhas" ou "língua dos anjos" e, tem como foco, o fenômeno em suas relações com a comunicação, bem como a possibilidade de oferecer uma disposição diferente no coração de quem a experimenta.

O fenômeno inaugural ocorrido durante a festa de Pentecostes na cidade de Jerusalém (séc. I d.C.) mostra seu papel importante na difusão do Cristianismo mundo afora. A comunicação e a glossolalia são práticas que mantêm uma relação de interdependência e complementariedade.

Para Sayão (2007, s.p), o perfil de Pentecostes é o reverso de Babel, porque trata-se de um movimento de Deus na direção do homem, isto é, de um movimento que vem de cima para baixo e que sai do eu e alcança a terra; além disso, anula a fragmentação humana pela unidade do Espírito e a diversidade de línguas pelo Espírito que dá dons aos homens.

No exame do evento de Pentecostes viu-se o fenômeno de uma comunicação sobrenatural feita, ao mesmo tempo, em vários idiomas, conforme as nacionalidades representadas ali. O resultado, afirmado no texto bíblico, foi o espetacular entendimento e convencimento de tudo aquilo que estava sendo dito.

A hipótese norteadora da presente pesquisa é a relação da Glossolalia de Pentecostes como fonte geradora de integração na comunidade.

O Pentecostes original fala da glossolalia como comunicação para unir os povos, quando durante a manifestação os apóstolos falaram vários idiomas, de acordo com as nacionalidades representadas na festa em Jerusalém. A nova verdade seria anunciada para todos os povos, independente das línguas, raças e nações.

A partir desse evento, a glossolalia tem estado presente em comunidades cristãs que buscam o batismo com o Espírito Santo. Porque através do batismo com o Espírito Santo é que se manifesta o dom da glossolalia.

O batismo com o Espírito Santo é uma experiência extática (perplexo) e arrebatadora capaz de colocar o fiel em contato direto com Deus. E a partir dessa experiência, poderes sobrenaturais são experimentados pelos sujeitos. Nessa experiência manifestações de choro convulsivo, tremores, movimentos corporais como dança, confissões em alta voz e glossolalia são comuns.

Embora, muitos contradizem e não aceitam essa manifestação, elas acontecem, ainda hoje, nas igrejas pentecostais durante os cultos.

No primeiro capítulo deste trabalho, desenvolveu-se o tema do fenômeno religioso e seus conceitos como linguagem simbólica. De acordo com Croatto faz parte da experiência religiosa, do sagrado, permitindo ao ser humano superar suas limitações (CROATTO, 2001, p. 43).

Otto afirma que existe um sentimento de dependência que ele chama de *numen*. Esse sentimento reconhece a soberania absoluta do Sagrado. Outro sentimento profundo o *tremendum*, é o que existe de mais íntimo e profundo em toda emoção religiosa intensa (OTTO, 1985, p. 17-18).

Para Eliade “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta” (1991, p. 15), assim entende-se que a glossolalia é uma manifestação do sagrado, uma experiência que o próprio ser transcendente se manifesta.

Segundo Beveniste “é dentro da, e pela língua que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BEVENISTE *apud* ALKMIM 2006 p.26). Para Bakhtin, a interação verbal é fundamental para a interação entre as pessoas de uma comunidade (2002, p. 123).

No segundo capítulo, aborda-se as interpretações do texto de Atos (2,1-13), o qual apresenta o início da Igreja de Jesus Cristo. Ali, o Espírito gera a Igreja. O ambiente sóciopolítico da época é apresentado e autores como Mainville falam a respeito da situação econômica e também social da época do surgimento das primeiras comunidades cristãs. Foi uma época cheia de opressões e o Pentecostes marcou o início de uma nova história para a humanidade. Foi ali que os seguidores de Jesus ganharam poder e intrepidez pela manifestação do Espírito Santo.

Junto com a narrativa fundante, busca-se apresentar a composição de um novo povo para a adoração e a nova comunidade de acordo com os ensinamentos de Jesus. Comblin concorda, afirmando que “o acontecimento de Pentecostes é naturalmente fundamental: é o ponto de partida da história, isto é, da história da marcha do testemunho” (COMBLIN, 1988, p. 87).

Fabris escreve que uma nova humanidade estava se formando “depois de ter apresentado os protagonistas do novo povo, habilitados pelo Espírito para dar um testemunho autorizado e corajoso” (FABRIS, 1991, p. 63).

Kürzinguer (1971, p. 57) analisa o evento de Pentecostes como alegórico. Ao contrário de Kistemaker, que escreve como sendo algo real: “O Espírito Santo aparece nesse sinal externo e pousa sobre cada um dos crentes. Não se trata de algo ilusório” (KISTEMAKER, 2006, p. 108).

Storniolo comenta que as autoridades da época de Jesus se frustraram porque acreditavam que ao matá-lo seus seguidores se dispersariam e o movimento todo iria acabar. O contrário aconteceu: “Os chefes do povo pensaram livrar-se de Jesus, matando-o. Mas Deus o ressuscitou e, através dos seus seguidores, ele continua presente e agindo, de forma multiplicada!” (STORNIOLO, 2008, p. 37).

No capítulo terceiro, o dom da glossolalia é apresentado e a experiência da conversão é considerada fundamental. Para receber o Espírito Santo, o sociólogo D’epinay diz que “o candidato, antes de receber o espírito, deve esforçar-se na oração (D’EPINAY, 1970, p. 293). Ele aborda o movimento pentecostal na América Latina dos dias atuais. A identidade própria do indivíduo é um requisito para o equilíbrio interior de cada um e a vida em comunidade de forma harmoniosa pode ser um sonho realizado. Bauman, por

sinal, acredita que ainda há soluções coletivas dentro da própria comunidade (BAUMAN, 2003, p. 79).

Por fim, a religião na Modernidade. A religião não perdeu o seu espaço na Modernidade, continua viva e eficaz. Hervieu-Léger afirma “um processo de individualização, que favorece o caráter que se tornou opcional da identificação relgiosa nas sociedades modernas, e o desejo de uma vida pessoal reorganizada, na qual se exprime, muitas vezes, sob uma forma mais ou menos, um protesto quanto a desordem do mundo” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 140). É nesse sentido que a religião pode ajudar na modernidade, trazendo o equilíbrio e valores perdidos num mundo cheio de imediatismos e tão fragmentado (SHAULL, 1966, p. 71).

A busca de uma condição interior que satisfaça os anseios do indivíduo tem lotado os cultos das Igrejas pentecostais. É bem verdade que a Igreja cultiva muitos valores esquecidos, mas que são necessários para a alma humana. A glossolalia pode ser fornecedora de uma integração entre os membros de uma comunidade por ser uma experiência recebida e compartilhada intensamente pelo grupo.

2 O SAGRADO E A LINGUAGEM

A experiência básica da existência humana tem como característica superar as suas limitações e necessidades impostas pela própria condição de ser humano.

Em busca de verdades que norteiem suas vidas o ser humano relaciona-se com tudo a sua volta, seja a natureza ou outros seres humanos. Essas relações ocorrem em diversos níveis, na família, no trabalho, nos encontros, reuniões, festas, igrejas, partidos políticos, etc.

> Em tudo o que deseja e faz, o ser humano manifesta que não é um ser pleno: deve crescer biologicamente, aprender intelectualmente, preparar-se para tudo, buscar metas, melhorar a saúde, aspirar a uma vida melhor, reiniciar uma e outra vez caminhos novos; ainda na véspera da morte, sente que tem de fazer algo para ser o que ainda não é. É um ser que está sempre em busca. Essa é uma característica fundamental do ser humano (CROATTO, 2001, p. 42).

O ser humano possui uma capacidade de transcender, ele pode viver em duas dimensões, a da realidade e a da imaginação. Não pode viver só de imaginação, de sonhos, mas também não pode viver sem os mesmos, porque juntos formam um equilíbrio interno que faz parte da vida humana. Confere:

> A experiência da transcendência gera em nós os mais diferentes sentimentos: alegria, medo, riso, choro, afeto, entre outros. É uma experiência verdadeira que envolve o nosso ser profundamente e nela podemos projetar nossa vida, imaginar situações, encontrar pessoas, reviver experiências. O que não pode acontecer, porém, é confundir este mundo da imaginação com a realidade: trata-se de duas dimensões que nos caracterizam e pertencem: uma precisa e alimenta a outra, não sendo possível só ficar na fantasia, como não se pode viver sem sonhos.
> A transcendência é a capacidade, típica do ser humano, de sair para fora de si, do seu corpo, de sua situação humana, através da reflexão, do pensamento, do sonho, da imaginação (SCHIAVO, 2004, p. 64-5).

A busca pela verdade está presente no ser humano. Muitas sociedades acreditam numa forma de vida superior, que criou todas as coisas, e que todas as coisas subsistem por esse poder supremo, o qual é capaz de controlar a vida humana e o universo.

> Em qualquer sociedade, a religião define um modo de ser no mundo em que transparece a busca de um sentido para a existência. Nos momentos em que a vida mais parece ameaçada, o apelo religioso se torna mais forte (MACEDO, 1989, p. 15).

A experiência religiosa do Sagrado permite ao ser humano superar suas incertezas, o fragmentário, sua finitude. A vivência relacional com o transcendente permitiu ao ser humano preencher sua vida e romper os limites, ao pensar do finito para duradouro, as incertezas pela certeza de uma vida eterna, por exemplo, a falta de sentido pela esperança e o fragmentário para o totalizador (CROATTO, 2001, p. 43).

O ser humano mesmo sendo fragmentado ele precisa se sentir completo, e com isso almeja sempre vencer seus obstáculos. Croatto comenta:

> O ser humano, no entanto tende à totalidade. Por isso “sente” com tanta intensidade suas necessidades e limitações. E busca superá-las. É um ser que constantemente procura romper os limites, conseguir superá-los, porém, é uma miragem, uma u-topia, algo que não existe em lugar algum. Nega o limite, como anula a necessidade. Nega a limitação do bom e a irrupção do mau. À luz dessa constatação, entenderemos então a relevância do tema da “salvação” na instância religiosa (CROATTO, 2001, p. 43).

Ao descobrir o poder de transcendência em um objeto ou personagem, o ser humano considera-os sagrados, e ele vive sua atitude e seu comportamento e ação dessa força transcendente. A realização de uma experiência para ser vivida com o Sagrado depende da iniciativa do transcendente em manifestar-se (CROATTO, 2001, p. 47).

2.1 O SER HUMANO E A EXPERIÊNCIA COM O SAGRADO

Quando o ser humano tem um encontro com o Mistério, sua vida é totalmente modificada, como por exemplo, o que vive a experiência de salvação, que acontece no encontro com o sagrado. Um novo modo de vida surge nesse indivíduo, até o modo de ver o mundo, muda. Ao seu redor tudo ganha um novo significado, é como se a vida fizesse sentido, e nada mais seria por acaso, mas, tudo evocaria a presença do Sagrado. Como escreve Croatto:

> O encontro com o Mistério afeta profundamente o ser humano. Às vezes, de forma definitiva e total, o que tem relação com a

> experiência de salvação, vivida inicialmente na paz e no gozo do encontro com o sagrado (CROATTO, 2001, P. 65).

A experiência com o Sagrado está fora do normal, é algo que está além dos acontecimentos diários da vida de um ser humano, é um momento que marca para sempre, é algo separado do rotineiro. Acontece sem que homem faça acontecer, mas essa experiência depende unicamente do Sagrado querer se manifestar.

> Para compreender corretamente a natureza dessas crenças, é preciso analisar a distinção entre o sagrado e o profano. O sagrado é uma dimensão da vida humana que se manifesta em circunstâncias especiais, fora da rotina e do cotidiano, domínios da vida profana. O sagrado é da ordem do maravilhoso, do que não se inscreve nas agruras do dia-a-dia. O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano (MACEDO, 1989, p. 15).

Ao tentar entender o sentimento da alma humana em relação ao Sagrado é possível identificar um elemento que caracteriza esse sentimento o qual Otto chama de *numen*. Ele leva a alma a um estado que manifesta um sentimento de dependência do Sagrado. Um sentimento que reconhece a soberania absoluta do Sagrado e se coloca diante como uma criatura que depende inteiramente dele. Pode-se ter essa percepção quando Otto analisa da seguinte forma:

> Eu poderia facilitar a compreensão citando um exemplo bem conhecido no qual se manifesta, de maneira mais evidente, o elemento de que falamos aqui. Quando Abraão ousa falar com Deus para que os habitantes de Sodoma (Gênesis 18.27) sejam poupados: “Certamente sou ousado em falar a meu Senhor, eu que sou pó e cinzas!”. Esta frase de Abraão é a confissão de um sentimento de dependência que é algo mais e algo diferente de todos os sentimentos de dependência. Busco um nome para esta coisa que chamo “sentimento de ser criatura”, o sentimento que a criatura tem de seu próprio nada e que desaparece na presença daquele que está além de, acima de toda criatura (OTTO, 1985, p.14).

O *numen*, o sentimento de ser criatura que depende, se torna um elemento secundário diante do *tremendum*. Torna-se tão profundo esse sentimento na alma humana, que invade a alma, na busca por senti-lo através das expressões de sentimento religioso é considerado o que existe de mais

íntimo e mais profundo em toda emoção religiosa intensa. Otto se refere a essa busca de forma intensa como se pode verificar:

> [...] O que é o numinoso? Ele não é racional, isto é, não pode desenvolver-se em conceitos. [...]
> Consideramos o que existe de mais íntimo e mais profundo em toda emoção religiosa intensa que é diferente da fé na salvação, compensa o amor, e que pode, em certos momentos, encher a nossa alma de emoção com um poder quase indescritível; prosseguimos nossa busca esforçando-nos para perceber, através da simpatia, associando-nos aos sentimentos daqueles que o experimentaram e que o comemoram em uníssono. Buscamo-lo na convivência com a piedade e nas expressões emocionais que a acompanham, nas solenidades e tonalidades dos ritos e dos cultos, em tudo aquilo que vive e respira em volta dos momentos religiosos, edifícios, templos e igrejas. Só uma expressão apresenta-se capaz de exprimir a coisa: é o sentimento do *mysterium tremendum*, do mistério que faz tremer. O sentimento que ele provoca pode se espalhar na alma como um calafrio. É a onda de quietude de um profundo recolhimento espiritual (OTTO, 1985, p.17-8).

Toda essa emoção é profunda e as reações sentimentais que o Sagrado provoca no ser humano, quando experimentado “É de tal natureza que cativa e emudece a alma humana” (OTTO, 1985, p. 17). Não se pode expressar com palavras, não há como conceituá-lo, o homem se rende a esse mistério. Otto ainda tenta fazer uma analogia quanto ao sentimento que o Sagrado provoca no indivíduo que o recebe:

> Ainda em outro domínio, encontramos um exemplo da penetração recíproca dos elementos racionais e dos elementos não-racionais em nossa vida afetiva, e esse exemplo aproxima-se, ainda mais que o precedente, do sentimento complexo do sagrado, na medida em que ele insere um elemento supra-racional. É um estado de alma que provoca em nós o poema musicado. O texto do poema expressa um sentimento natural, como a nostalgia do país natal, a segurança no perigo, a esperança de alguma coisa ser alcançada, a alegria da possessão etc.; são elementos concretos na essência do homem natural. Pode-se traduzir em conceitos. Mas a música não. Ela provoca uma alegria um estado de beatitude, sonhos e júbilos, tempestades e agitações do espírito, sem que se possa explicar o que, na música, nos emudece e nos emociona (OTTO, 1985, p. 52).

Essa analogia feita por Otto oferece uma percepção do quanto o sentimento que o Sagrado traz para alma humana é complexo. São sentimentos não racionais, mas a música, como exemplo citado, provoca uma experiência que mexe com as estrutura psíquicas, não que a música possa ser a expressão do Sagrado, não se pode confundir. No entanto, Otto quer dizer

que há uma ligação de um sentimento, que atrai outro e vai se formando uma cadeia complexa, que não se pode expressar por palavras. Ele mesmo pondera dizendo “Cada um deles representa uma realidade independente” (OTTO, 1985, p. 53).

Quando relaciona essa questão da manifestação e experiência do Sagrado, supõe-se que os discípulos experimentaram no Pentecostes é exatamente como descrito na citação acima, ficaram tomados pelo sentimento do numinoso. Com a súbita presença do divino chegam ao êxtase com a glossolalia.

2.2 LINGUAGENS, SÍMBOLOS, MITOS E RITOS

Existem diversas linguagens usadas na experiência com o sagrado, como os símbolos, os mitos e os ritos. Nesses elementos, o ser pessoal busca preencher o significado de sua existência. “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (OTTO, 1985, p. 15). O símbolo faz parte da linguagem humana o tempo todo. “Qualquer elemento natural pode ser constituído de símbolo, ele não pode ser objetivado por palavras” (REIMER, 2004, p. 83).

Outra definição de símbolos mencionada por Rocher (1971, p. 156):

> A maneira mais simples de definir o símbolo é dizer que é “qualquer coisa que toma o lugar de outra coisa” ou ainda “qualquer coisa que substitui e evoca uma outra coisa”. Uma estátua evoca simbolicamente um personagem, um acontecimento ou uma ideia, e assegura-lhe assim presença e acção contínua. Uma palavra substitui simbolicamente uma coisa e consegue evocá-la sem que seja necessária a presença física da coisa.

O símbolo nos leva a um sentido subjacente a ele próprio, que ao menor contato nos remete à ideia que ele representa, tornando forte a presença de seu significado. É uma forma de expressão e de linguagem resultante de uma experiência que faz de um simples objeto ou animal, símbolo, que ao ser visto relembra aquele momento sagrado. Reimer afirma que:

> O ser humano é um ser fundamentalmente simbólico, construímos símbolos o tempo todo. A linguagem é a forma por excelência dessa dimensão simbolizadora dos humanos. [...]

> No símbolo sempre existem duas coisas separadas, mas que se complementam. Na verdade, uma parte remete à outra. Há, assim, sempre uma duplicidade de sentido, ou melhor, uma multiplicidade de sentidos. Coisas concretas de nosso mundo fenomênico são (ou podem ser) transformadas ou constituídas em símbolos, mas o segundo sentido sempre é uma transsignificação em relação ao objeto natural (REIMER, 2004, p. 82).

O mito usa uma narrativa para justificar uma realidade. Sua linguagem é simples. Em toda cultura existem os mitos e sentidos que norteiam a vida daqueles que crêem. Atravessando geração após geração utilizam-se elementos simples de fácil compreensão trazendo um ensinamento, uma história. Tentam explicar a realidade, os fenômenos naturais, como por exemplo, o mito da origem do homem, que vem através de deuses. Algumas culturas possuem um mito diferente do cristianismo sobre a origem humana. Neste conta-se a história de Adão e Eva.

Eliade escreve da seguinte forma sobre o mito:

> A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo (ELIADE, 1992, p. 11).

Diante dessa citação, sabe-se que o mito é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, quando com a ação de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir. Mito é, também, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser.

O mito é capaz de trazer de volta à realidade algo que já foi. É capaz de fazer vivenciar uma experiência atual vivida por outra pessoa em tempos passados. Também possui o poder de renovar essas experiências passadas em novas experiências. O ser humano estrutura sua religiosidade na crença

dos mitos que são repassados de geração em geração fazendo com que algo ou situação vivida no passado por um antepassado faça sentido ou sirva de orientação para uma experiência no presente. Como bem escreve Nascimento:

> Mito do grego, *mythos,* significa palavra explicada, narração, discurso. Sempre traduzido em forma de relato, o mito ultrapassa a linguagem para se constituir também em uma estrutura que se refere ao passado, ao presente e ao futuro. Os mitos, longe de serem confundidos com metáforas, são esquemas capazes de reatualizar o original e nesse sentido, ao retroceder ao tempo original, não considera o tempo histórico tal qual o concebemos (NASCIMENTO, 2010, p. 71).

Prosseguindo, o mito é narrativa passada de geração em geração contada coletivamente como concretos que servem de estruturas para o entendimento da realidade. Embora ocorrido em tempos passados, dão sentido à história atual. Toda sociedade possui seus mitos e são conhecidos por todos. Ainda citando Nascimento:

> Sugerimos de forma bastante simplificada, que os mitos são narrativas que são reproduzidas até se tornarem coletivas. Nesta perspectiva, nas sociedades arcaicas essas narrativas se traduzem em relatos de acontecimentos ocorridos na origem do mundo, na origem dos animais, das plantas, da morte, etc, etc. Sempre pela mão de seres sobrenaturais. Ou seja, contam a história do começo de todas as coisas ou de algumas delas (NASCIMENTO, 2010, p. 72).

O mito tenta explicar o mundo, tenta explicar os fenômenos, a origem de todas as coisas, os mistérios e a manifestação do sobrenatural na vida humana.

O mito possui uma relação com o rito. O rito é uma maneira de colocar em ação o mito na vida do homem através de cerimônias (casamentos, batizados), danças, orações, sacrifícios e outros. São atividades organizadas e se repetem através de palavras, gestos e comportamentos que permitem um significado ao ritual. Para Cazeneuve o rito pode ser assim pautado:

> [...] o rito é uma acção seguida de consequências reais; é talvez uma espécie de linguagem, mas é também algo mais. A sabedoria popular sabe bem a enorme diferença que pode haver entre a palavra e os actos (CAZENEUVE, 1985, p.8).

Continua o mesmo autor dizendo que:

> A palavra latina *ritus* designava, aliás, não só as cerimónias ligadas às crenças relativas, ao sobrenatural, como os simples hábitos sociais, os usos e os costumes (*ritus moresque*), isto é, à maneira de agir reproduzidos com uma certa invariabilidade.
> O rito propriamente dito distingue-se dos outros costumes não somente, como se verá, pelo carácter particular da sua pretendida eficácia, mas também pelo papel mais importante que a repetição nele representa. Esta, com efeito, não está ligada à essência de uma prática que acabou por tornar-se um uso, enquanto aquela é um elemento característico do rito, sendo dele, por vezes, a principal virtude. No uso corrente e mesmo trivial que fazemos da palavra (de vez em quando com um matiz pejorativo), um rito é uma acção que se assinala sobretudo pelo seu comportamento estereotipado. De uma cerimónia antiquada, se diz de boa vontade que é um rito, significando com isso que ela não tem aparentemente outra justificação senão a de repetir exatamente o que se fazia outrora" (CAZENEUVE, 1985, p.10).

Outra ponderação sobre rito e a separação entre o profano e o religioso pode ser observada num comentário feito por Riviére que apresenta o rito como parte do cotidiano da sociedade:

> Entre os rituais profanos, alguns convertem a ação social da vida cotidiana em representações e estabelecem uma ponte entre a cultura revivida e o sujeito autor (cf. os ritos da mesa, do trabalho ou do turismo). Além de contribuir para satisfazer e, eventualmente, para criar as expectativas individuais, o rito apresenta uma forma sensível e social. [...]
> Assim, podemos dizer que o rito profano trabalha mais sobre as relações sociais do que o rito religioso que é mais rígido e se apóia, antes de tudo, na relação do homem com os poderes sagrados (RIVIÉRE, 1996, p.75).

Pode-se concluir que o rito é o momento em que o símbolo e o mito são revelados em gestos. A mensagem divina contida nos mitos é encenada por meio dos ritos. Isso pode ser fundamentado num esclarecimento feito por Reimer:

> Ao lado dos símbolos como a linguagem fundamental da experiência religiosa (imagem) e dos mitos como a expressão narrativa ou discursiva de elementos religiosos (palavra), os ritos constituem a linguagem 'gestual' da vivência religiosa. Simbolicamente, o rito imita algum gesto primordial referido à divindade ou coloca em prática determinados conteúdos narrados em um mito. Ao mito como palavra corresponde o rito como o gesto. Trata-se de uma ação de dramatização, em que uma vivência das origens é transformada em gestos (REIMER, 2004, p. 88).

2.3 A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM PARA COMPREENDER O FENÔMENO RELIGIOSO EM PENTECOSTES

O ser humano congrega em sociedade para concretizar seus objetivos, para se sentir parte de um mundo com o qual se identifica e lhe confere sentidos, essa convivência social só é possível com a comunicação. Através da comunicação a vida social se compatibiliza. O objetivo da comunicação é o entendimento como uma prática social básica.

De todos os códigos utilizados pelo homem para expressar suas impressões, para representar coisas, seres, ideias, sem dúvida alguma o mais importante é a língua. Os falantes de uma língua adquirem natural e gradativamente o conhecimento necessário para usá-la. O uso que cada indivíduo faz da língua depende de várias circunstâncias: do que vai ser falado e de que forma, do contexto, do nível social e cultural de quem fala e de para quem se está falando (TERRA, 2004, p. 34). É uma entidade autônoma que tem o seu lugar nas comunicações e deve ser vista da perspectiva dos teóricos da linguagem e da comunicação.

A língua foi definida por Saussure (2006, p. 17) como

> [...] um ´tesouro´ onde estariam armazenados os *signos*, enquanto a *fala* seria a organização desses signos em frases, a combinação dos seus sentidos para constituírem o sentido global da *frase*. A língua é uma passividade (saber uma língua implica receber e memorizar o seu *código*), enquanto a fala supõe um comportamento ativo sobre a *linguagem*. A língua é o produto e o instrumento da fala, ao mesmo tempo.

Trata-se então de “[...] um sistema de *signos*, constituída pela associação de imagens auditivas a conceitos determinados” (RABAÇA e BARBOSA, 2001, p. 429). Se a língua é um sistema de *signos*, pode-se identificar as unidades deste sistema. Dentre eles (sistemas vocais, escritos, visuais, fisionômicos, sonoros, gestuais etc.) armazenados na língua está a palavra, aquela “Série de *caracteres* ou de elementos binários, armazenada numa localização de *memória* e capaz de ser tratada como uma unidade” (RABAÇA e BARBOSA, 2001, p. 540). De fato, as línguas são unidades complexas compostas de palavras.

As palavras sujeitam-se à articulação da própria linguagem. E a linguagem é um recurso usado pelo homem para se comunicar; é um instrumento pelo qual os homens estabelecem vínculos no tempo e determinam os tipos de relações que mantêm entre si; ela torna possível o desenvolvimento e a transmissão de culturas, bem como o funcionamento eficiente e o controle dos grupos sociais.

No *Dicionário de Linguística* Dubois (1998, p. 387), linguagem é a

> [...] capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais (ou língua), que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe a existência de uma função simbólica e de centros nervosos geneticamente especializados.

Nessa mesma lógica, o sistema de signos vocais utilizado por um certo grupo social ou comunidade linguística, constitui uma língua particular. Isso se dá mediante a codificação e a decodificação desse signo (língua particular) usado. Saussure (*apud* DUBOIS, 2011, p. 132-133) já esquematizara essa comunicação ou essas operações de codificação e decodificação através de um esquema que representa o circuito da fala humana organizada com os signos entre dois locutores, A e B. Essa operação incide sobre os sistemas de signos linguísticos, já estabelecidos como integrantes do processo comunicativo e, ampliada, justifica a noção de comunicação defendida abaixo.

Na perspectiva das relações entre os seres humanos, o termo comunicação refere-se a um conjunto de conhecimentos (linguísticos, psicológicos, antropológicos, sociológicos, filosóficos, cibernéticos etc.) relativos aos processos comunicativos, que interagem entre si. Nessa visão, Colin Cherry (*apud* RABAÇA e BARBOSA, 2001, p. 156) afirma que a comunicação é o

> Estabelecimento de uma unidade social entre seres humanos, pelo uso de signos de linguagem. [...] Toda comunicação procede por meio de signos, com os quais um organismo afeta o comportamento do outro (ou, de modo mais geral, o estado do outro).

De igual modo, o *Dicionário de Linguística* Dubois (2011, p. 129) define a comunicação como

> [...] a troca verbal entre um falante, que produz um enunciado distinto, a outro falante, o interlocutor, de quem ele solicita a escuta e/ou uma resposta explícita ou implícita (segundo o tipo de enunciado).

A comunicação e a linguagem se relacionam profundamente com a sociedade. A língua une as pessoas e transforma grupos em comunidades, criando a possibilidade da produção e da subsistência coletiva (ALKMIM, 2006, p. 24). A relação entre linguagem e sociedade não pode ser concebida uma sem a outra, como afirma Benveniste:

> [...] é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente, dado que ambos só ganham existência pela língua. É que a língua é a manifestação concreta da faculdade humana da linguagem, isto é, da faculdade humana de simbolizar. Sendo assim, é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens (BENVENISTE, *apud* ALKMIM, 2006, p. 26).

Outro linguista Bakhtin, na sua análise da filosofia da linguagem, traz a noção de comunicação social. Diz que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal que acontece através da enunciação. Sendo assim, ele acredita que a interação verbal é uma realidade fundamental da língua.

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2002, p. 123).

Ora, tudo que está sendo apresentado, até aqui, é para justificar que o fenômeno religioso em Pentecostes, conforme relatado na Bíblia no livro de Atos dos Apóstolos 2, 1-13, foi marcado pelo fator comunicação e linguagem. Porque houve a interação verbal e a comunicação se efetivou.

O fenômeno de Pentecostes foi além da experiência extática. Cento e vinte pessoas estavam reunidas em oração num mesmo lugar (At 2, 1), de repente são envolvidas pela presença do Sagrado, e aparecem-lhes uma espécie de línguas de fogo que desceram sobre cada um deles (At 2, 3), e começaram a falar em outras línguas (At 2, 4). Essa descrição é surpreendente, evidentemente, a glossolalia considerada um fenômeno

religioso estava acontecendo ali. Um fenômeno transcendente no qual o Sagrado se manifesta concedendo uma experiência extasiante para aquelas pessoas. A mensagem subjacente era que uma nova fé nascia e a partir dali a humanidade conheceria a proposta de um novo reino para os que cressem nos ensinamentos de Jesus.

2.3.1 A comunicação e linguagem de Jesus Cristo

O fundador do Cristianismo, ou seja Jesus Cristo, comunicou-se por meio da palavra. As características de sua linguagem através de parábolas, exemplos da vida cotidiana, usando elementos simples da natureza para levar a uma reflexão, para dar uma orientação, atingia profundamente as pessoas que o ouviam. Jesus não se expressava como um doutor ou especialista nas palavras, mas o seu discurso era profundo e cheio de significados (SILVA, 1999, p. 171). Seu conhecimento a respeito do comportamento humano lhe dava uma autoridade absoluta sobre qualquer assunto ou situação que surgisse. Ele falava de um Deus que ama, que age a favor do homem, que perdoa, que salva.

A maneira que Jesus usou para argumentar não foi mediante imposição. Ele chama o ouvinte à reflexão, ao bom senso, para que a própria pessoa encontre o caminho que o leve a Deus. Ensina a tolerância, a humildade, o amor. Na narrativa da mulher flagrada em adultério, isso é claro: ele sabe ouvir, sabe questionar e conduz a mulher a refletir sobre si mesma (Jo 8,1-11).

A comunicação de Jesus atingiu a todos os povos em todos os tempos. Ele falava preferencialmente aos marginalizados. E sua comunicação foi e é perfeita. Há uma identificação, inclusive com os pobres, na sua maneira de ensinar (SILVA, 1999, p. 172). Jesus mostra essa predileção quando diz: “Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, eu te bendigo, porque assim foi do teu agrado.” (Mt 11, 25, 26). Na sua comunicação o que estava escondido era revelado ao que não tinha habilidades intelectuais para receber esse desvelamento.

2.4 A RELIGIÃO COMO FORNECEDORA DE SENTIDO E EQUILÍBRIO PARA SOCIEDADE

Na religião como fornecedora de sentido e construção do mundo, o homem é produto da sociedade e a sociedade é produto do homem, através da exteriorização, objetivação e interiorização, após o nascimento o homem precisa construir o seu próprio mundo. “O homem precisa fazer um mundo para si”. O processo de construção do ser humano no mundo da exteriorização é a efusão pela atividade física ou mental, do ser humano sobre o mundo (BERGER, 1985, p. 15).

Os animais já nascem prontos e fechados não vão evoluir, porém, o ser humano é inacabado ao nascer. Aos poucos ele vai biologicamente aprender movimentos, depois aprende a construir seu próprio mundo e a si mesmo no mundo. O homem precisa pôr em equilíbrio, constantemente, o seu mundo e é através da criação de seu próprio mundo, o ser humano estabelece sua existência. Também a cultura é um fator principal do produto do homem. O homem constrói o seu mundo e sempre vive em coletividade. Às vezes analisando individualmente, Berger afirma que a realidade empírica da construção humana do mundo é sempre social. É trabalhando juntos que o homem constrói a sociedade. E assim, a sociedade estrutura, distribui e coordena a vida em comum. Na produção simbólica o ser humano produz valores e sente-se culpado quando os transgride. O mundo cultural não só é produzido socialmente como também permanece real em virtude do reconhecimento coletivo (BERGER, 1985, p. 17-18).

A sociedade como parte da cultura, está diante do ser humano como facticidade externa, subjetivamente opaca e coercitiva, estranha à consciência subjetiva e não controlável por esta última (BERGER, 1985, p.24).

A *nomia* é o mundo socialmente construído, é uma ordenação da experiência que aproxima o objetivo e subjetivo. Uma ordem significativa, ou *nomos*, é imposta às experiências e sentidos discretos dos indivíduos é o mesmo que concordar em ser o que sou. É o ser humano entender que ele está vivenciando o que é para ser vivenciado. Entender que é assim mesmo que tem que ser, entre o seu interno e o seu externo, é entender que ele está no lugar que deveria estar. A *nomia* é achar um significado na ordem do

mundo, o problema da *nomia* é quando não entende, quando não acha um lugar, porque o ser humano que se encontra em uma relação correta com o sagrado possui um escudo contra o terror da *anomia* (BERGER, 1985, p. 32). Nessa perspectiva de equilíbrio, o ser humano tende a buscar no sagrado significado para sua real situação dentro do cosmos. Berger diz assim:

> O homem enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado (BERGER, 1985, p. 39).

Religião e legitimação (natureza, tradição, vontade dos deuses). A legitimação é um saber socialmente objetivado que serve para explicar ou justificar a ordem social. O controle social procura conter as resistências individuais, ou tornando tolerável o mundo socialmente construído ou legitimando-o. A teodicéia permite transportar o ser humano para um além antes ou pós o seu presente momento o leva a eternidade, por exemplo, “Deus tarda mas não falha” e “Deus escreve certo por linhas tortas” (BERGER, 1985, 43).

É em uma sociedade onde os seres humanos se relacionam, logo após seu nascimento ele recebe informações sobre seu ser biológico e seu ambiente físico, os valores vão sendo passados, seus comportamentos apreendidos, nesse sentido sua cultura é construída também, entretanto, para se viver nessa sociedade todos os participantes devem ter um mínimo de valores comuns que orientem suas vidas para que seja possível a interação, como pode ser afirmado:

> O indivíduo pode entender-se a si mesmo comparando-se com os outros, com valores, instituições e significados presentes na sociedade. Caso não consiga se localizar em relação ao lugar que ocupa no seio da sociedade, ele sente-se ameaçado de perder os laços que o satisfazem emocionalmente, de perder sua orientação na experiência da vida, ou seja, sente-se ameaçado de anomia. (LEMOS, 2004, p. 130).

A partir do momento em que os homens acreditam na existência da divindade eles organizam sua experiência de vida. Cada pessoa molda sua conduta dentro dos moldes ditados pela comunidade a que pertence. Isso permite o seu reconhecimento individual no meio em que vive.

> Essa perspectiva individual da religiosidade – a religião como algo capaz de resolver os problemas de cada um – só pode, contudo, se manifestar porque a mesma crença é compartilhada por muitas pessoas. A religião enquanto "comunidade" reproduz o modelo da família: há laços de solidariedade interna, afeto e ajuda recíproca que permitem enfrentar as dificuldades do mundo externo, onde as relações são impessoais e tudo parece mais hostil.
> A comunidade, portanto, dá segurança psicológica, apoio econômico, é ponto de referência para a orientação da conduta e, inclusive, serve para a melhoria das condições de vida. E um lugar de treinamento de lideranças, que depois usam o que aprenderam num contexto externo, seja o trabalho ou a vida pública (MACEDO, 1989, p. 64).

Existe uma busca pela verdade e a religião fornece para o indivíduo um sentido para sua existência. A experiência com o Sagrado dá essa direção de vida para o homem.

2.4.1 Uma linguagem única capaz de unir todos os povos: a linguagem do amor

Quando a existência de Deus é interpretada como o próprio amor, a comunidade se une, se entrelaça, se apoia. Procura compreender as dores dos outros, compartilha, exerce o compromisso de amar uns aos outros, porque acredita que Deus é amor.

Todo ser humano necessita da convivência, faz parte da natureza humana viver socialmente "Ser dependente é uma dimensão verdadeira da condição humana. Toda pessoa precisa da outra, ocupe a posição que for: precisa da sua atenção, palavra, ideia, afeto, carinho, afeição, amor etc. (FERREIRA, 2009, p. 119).

O amor é sempre o tema mais importante, tratado na Bíblia, pois é através dele que os seres humanos conseguem viver em harmonia. O amor facilita a convivência com a diferença uns dos outros, o que torna cada um mais tolerante com o próximo. O respeito, a partilha, a compreensão são originados no amor. Existe assim, a linguagem do amor pois é através dessa comunicação que a vida humana se edifica, estruturada, enraizada nos valores dignos para uma convivência em comunidade que beneficia todos os seus membros. Ferreira comenta sobre a linguagem do amor da seguinte maneira:

> A linguagem do amor sempre foi e será compreendida por todos, de qualquer cultura, nação, língua, idade etc. O amor nunca precisou de traduções e explicações. Esta foi a utopia. Quando a linguagem do amor for conhecida e aplicada por todos, a sociedade humana será toda unida... (FERREIRA, 2012, p. 180).

A linguagem do Espírito Santo no dia de Pentecostes foi a linguagem do amor. A comunicação feita aos ouvintes era que se arrependessem e acreditassem nos ensinamentos de Jesus. Assim, quando os Evangelhos são analisados, subentende a linguagem do perdão, do amor a Deus e aos próximo.

Macedo pondera que em muitas circunstâncias Deus é imaginado como o próprio amor:

> Nessas circunstâncias, a existência de um Deus imaginário, não importa sua forma, torna-se irrelevante. O Deus real é o amor, presente enquanto capacidade de ajudar o outro. Desinteressadamente. Pelo prazer de combater a dor e minorar o sofrimento, de promover o bem alheio, condição do próprio bem. Isso passa a ser vida e harmonia. E luta constante, porque o sofrimento estará sempre presente (MACEDO, 1989, p. 75).

Macedo, acima, acredita que o amor pode combater o sofrimento amenizando a dor, através da partilha sendo capaz de promover o bem ao próximo. O sofrimento humano com todas as suas lutas, dores, decepções, incertezas, limites, fracassos, doenças e lutos, encontra na religião condição para suportar essa realidade, não eliminando o sofrimento da vida humana, mas acredita-se que esse sofrimento não é em vão:

> Da mesma maneira, a religião dá condições para suportar o sofrimento nas situações especiais de doença e luto. Isso não significa que a fé religiosa possa impedir o indivíduo de sofrer. O que ela faz é um pouco inverso: torna possível enfrentar a dor, tolerá-la, enfim, torna possível sofrer. [...]
> A religião fornece, pois, o fio com que os homens tecem significados para situações difíceis, que, sem ele, se tornariam aterradoras e insuportáveis. Repetindo, portanto, a religião não elimina o sofrimento mas o torna suportável conferindo-lhe uma razão de ser, um significado (MACEDO, 1989, p. 25-6).

Diante disso, é possível entender o papel importante que a religião desempenha na sociedade. Ela é um alicerce, onde os fundamentos da vida

são plantados. Sem ela a ordem emocional das pessoas não estaria assegurada. A tranquilidade que a religião oferece diante de tantos conflitos que a alma humana possui, a pacificação que ela traz quando ao dizer que o sofrimento faz parte, permite a ordem das coisas e a aceitação do ser humano diante de suas limitações.

2.5 PENTECOSTES COMO FENÔMENO RELIGIOSO

Diante do exposto, o ser humano precisa produzir o seu mundo, sendo um ser social, necessita comunicar-se, depende uns dos outros, e a interação entre eles acontece. A comunicação foi o fator principal para a divulgação do cristianismo. No relato bíblico em Atos dos Apóstolos a glossolalia foi um fenômeno de comunicação que marcou a difusão do Cristianismo a partir da festa de Pentecostes. Essa era uma das três festas fixas dadas a Israel por Deus no Antigo Testamento (Êx 23.14-17; 34.18-23), junto com a Festa dos Pães Ázimos e a Festa dos Tabernáculos. Marcada por ser uma festa agrícola, era também chamada de Festa das Colheitas (de grãos) ou das Semanas. O termo pentecostes é uma palavra de origem grega cujo significado literal é cinquenta, o que deu à festa o seu nome porque se dava no quinquagésimo dia depois da Páscoa.

É oportuno transcrever aqui uma passagem de Odoríssio, sobre a Festa de Pentecostes, relatada em seu livro Atos dos Apóstolos:

> Festa agrícola em suas origens (Ex 23,16), nela eram oferecidas as primícias do campo: Lv 23,15ss. Quando os judeus saíram do Egito, celebraram a Páscoa: Ex 12, 1ss. Passou-se a ensinar, posteriormente, que cinquenta dias depois da libertação do Egito foi feita a aliança: Ex 19,11ss. Pentecostes passou a ser uma festa religiosa, a festa da aliança, a festa da constituição do povo de Israel (ODORÍSSIO, 2001, p. 23).

Quanto ao fenômeno em si, conhecido por Pentecostes, conforme narrado na Bíblia, aconteceu na cidade de Jerusalém, exatamente cinquenta dias depois da comemoração da Páscoa (ca. de 30 d. C.), isto é, no dia de Pentecostes (At 2,1; cf. 20,16; 1 Co 16,8). O evento inaugural está registrado em Atos (2,1-4).

A experiência sobrenatural vivida pelos apóstolos está aí relatada com símbolos misteriosos como fogo, vento forte e ruídos intensos. Além disso, aparece a figura das outras línguas (Gr. *glossa)*, linguagem na qual falaram como resultado do processo em andamento.

Uma observação importante sobre essa narrativa do fenômeno que se mostrou em forma de línguas de fogo, por ter um simbolismo marcante, pode ser interpretado como uma referência ao idioma em si ou a linguagem, como a comunicação e difusão do evangelho ou pode ser interpretado como uma falar em línguas sobrenatural, como acontece em muitas igrejas e são conhecidas com a língua dos anjos ou do Espírito Santo. O que se sabe é que a parte simbólica evoca uma realidade tornando-a visual, deixando sem dúvida, a ideia de que a língua, em todas as suas formas, seria o centro dessa nova história. Pois o símbolo é uma participação concreta. Rocher menciona sobre o simbolismo que é interessante transcrever: “Os conceitos que evocam uma realidade formam um segundo nível de simbolismo: na medida em que são imagens ou representações mentais que substituem coisas, seres, a que se referem” (ROCHER, 1971, p. 162). Nesse sentido o simbolismo presente nas línguas de fogo sobre a cabeça dos que estavam reunidos, permite diversas interpretações.

Kürzinger (1971. P. 51-52) acredita que, com base na palavra *glossa*, isto é, em outras línguas, pode-se dizer que o Espírito se revelou nas línguas de fogo e capacitou os discípulos a falar idiomas estranhos, ocorrendo simultaneamente dois fenômenos: o milagre de ouvir e o milagre de falar. Os apóstolos falavam línguas estranhas aos ouvintes e esses, preparados pelo Espírito, puderam entender em seus idiomas pátrios, “as grandezas de Deus” (At 2, 11) então proferidas pelos falantes.

Os ouvintes em questão, eram judeus de diversas partes do Império Romano que estavam reunidos em dado local na cidade de Jerusalém para uma das principais celebrações festivas da cultura judaica, a festa de Pentecostes. Foi um momento oportuno, pois a manifestação do Espírito Santo alcançou um grande número de pessoas, tanto as que viviam em Jerusalém como também as de outras partes do mundo ali reunidas. Essas pessoas, além de viverem a experiência, se tornariam testemunhas vivas desse acontecimento (At 2,5-13).

Consequentemente, o fenômeno religioso é a crença acontecendo. É a religião existindo, o envolvimento com as experiências muda completamente o modo de viver da pessoas que recebem a manifestação.

2.5.1 A manifestação do Sagrado

Convém transcrever o que Eliade, em sua obra *O sagrado e o profano,* comenta sobre a experiência com o Sagrado:

> O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado propusemos o termo *hierofania*. Este termo é cômodo, pois não implica qualquer precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etmológico, a saber, *que algo de sagrado se nos revela.* [...] Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo "de ordem diferente" – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo "natural", "profano" (ELIADE, 1991, p. 15).

A experiência com o sagrado remete a Otto (1985, p. 11) que, como Kürzinger (1971, p. 59), deixa claro que uma manifestação do sagrado é uma experiência tão grandiosa que o ser humano não consegue ser racional em suas palavras para descrever o momento. A dimensão da subjetividade ultrapassa o entendimento e é levada a uma comparação alegórica para tentar expressar em palavras a experiência. Para Otto (1985, p. 1):

> O sagrado é, antes de mais nada, interpretação e avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso.... Essa categoria é complexa; compreende um elemento de qualidade absolutamente especial que se subtrai a tudo aquilo que nós chamamos de racional; é completamente inacessível à compreensão conceitual, e constitui algo inefável.

Outras narrativas bíblicas trazem os mesmos elementos simbólicos do evento de Pentecostes como vento, ruídos e fogo (Ex 19; 1Rs 19,11; Is 66,15 e Sl 50,3).

Em verdade, a experiência com o Sagrado foge à compreensão racional. Quando ele se manifesta provoca uma experiência que assusta. Para entender o sagrado é necessário ter a experiência. O aspecto não racional da

experiência e sua dimensão estão associadas principalmente com o lado espiritual do sujeito.

O estudo do livro dos Atos dos Apóstolos permitirá conhecer mais sobre a manifestação do Sagrado e a constatar o dia que marcou o início do Cristianismo.

2.6 VISÃO DO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

A experiência do sagrado, em Atos 2, se dá em duas dimensões: dos céus para a terra ou do divino para o humano (os elementos simbólicos em questão) e do humano para o humano (a linguagem incompreensível, compreensível). Essa linguagem, objeto desse estudo, é o âmago da comunicação que se defende efetiva a partir dela; ela se manifesta, efetivamente, na comunicação de Jesus (o divino) com os homens e na comunicação dos discípulos humanos (representantes do divino Jesus) com os homens inconversos e promove a formação das primeiras comunidades cristãs.

Ao estudarmos Atos dos Apóstolos percebemos que aparece a descrição clara de que Atos é o livro do Espírito, o mesmo que Jesus testemunhava e o preparou para sua missão (STORNIOLO, 2008, p. 7). Atos parece que é uma continuação de Lucas, o terceiro evangelho, quando fala da chegada de Jesus a Jerusalém e quando Atos narra a formação da Igreja após Jesus; o centro dos acontecimentos é a cidade de Jerusalém, palco dos últimos atos de Jesus aqui na terra, onde culminou a sua morte e ressurreição, e assim a Igreja nasce para de lá, de Jerusalém, sair pelo mundo como escreve Storniolo (2008, p. 8):

> [...] o Espírito de Deus que estava presente em Jesus é entregue à comunidade que o acompanhara. Depois da morte e glorificação de Jesus, a comunidade recebe a força do Espírito de Deus e de Jesus, para continuar a ação e a palavra dele no mundo inteiro, em todos os tempos e lugares. A essa ação da Igreja o autor consagrou o livro dos Atos.

Logo, o evangelista quis dizer com os seus dois volumes escritos, o evangelho de Lucas e o livro dos Atos dos Apóstolos é que os ensinamentos de Jesus sobre o Reino de Deus não são para ficar apenas no mundo da

Palestina, entretanto, precisa ser difundido pelos povos do mundo inteiro (STORNIOLO, 2008, p. 9).

O evangelista Lucas é apontado como realmente autor de Atos, em alguns escritos de Paulo encontramos o nome citado três vezes: Colossenses 4, 14; segunda carta a Timóteo 4,11; Filemon 24. Lucas possuía uma posição social elevada, era médico, conhecia muito bem a língua grega e escrevia principalmente para o povo de língua grega, por volta de 80 e 90 d.C. Lucas escreveu suas obras e as dedicou a Teófilo, provavelmente uma pessoa de posição e de influência para patrocinar a produção e difundir, como era o costume da época.

Quando examinamos o terceiro evangelho e o livro dos Atos, tem-se uma noção dos problemas enfrentados na época. As comunidades estavam numa situação complicada, suas relações interpessoais precisavam ser orientadas para o bem comum, no sentido de eliminar as diferenças sociais e culturais envolvidas nesses agrupamentos, porque " as comunidades se compunham de judeus convertidos, não-judeus e 'prosélitos', isto é, pagãos que praticavam parcialmente a religião judaica, adorando o Deus de Israel" (STORNIOLO, 2008, p.10). Os problemas facilmente detectados são, por exemplo, a questão da "comunidade de mesa", pois judeu não costumava comer com pagão, acarretava impureza e perigo para a identidade judaica, outra questão a de identidade dos judeus expulsos do judaísmo oficial, colocavam em riscos os costumes. Além disso, também os convertidos da elite grega e romana, com grande cultura e cargos importantes no império, representavam uma certa ameaça. E por fim, a convivência entre ricos e pobres, como os ricos se comportariam em relação ao evangelho e o que seria exigido deles. Esses problemas foram cuidadosamente trabalhados, visando que o Evangelho é para todos, porém, em cada um age de maneira diferente, porque o bem comum e a justiça de Deus era o objetivo de toda missão de Jesus. No entanto, apesar do tempo os problemas ainda surgem nas comunidades de hoje, quando se pensa em como ser fiel à fé diante das diversidades culturais? Como anunciar o Evangelho, que transforma vida e valores, sem aniquilar a cultura de um povo? São questões problemáticas e que exigem estudo, reflexão e observação para serem resolvidas.

O livro dos Atos oferece uma visão diversificada sobre o assunto, a Igreja, sua identidade e seus problemas, sempre há versões diferentes entre os estudiosos da Bíblia. Porém, em um ponto todos concordam, que Lucas sentiu necessidade de mostrar como os cristãos deveriam dar os testemunhos a respeito de Jesus, através da palavra e da ação, o que ocasionou profundas transformações na sociedade e na história.

É evidente a importância que Lucas atribui a Jerusalém, "como centro da história do povo de Deus da antiga aliança, e também o centro e ponto de partida da nova história do povo de Deus aberta agora a todos os tempos e lugares" (STORNIOLO, 2008, p.19). Logo que Jesus ressuscitara, continuou aparecendo e instruindo seus discípulos por quarenta dias, e assim os apóstolos recebem a ordem de permanecer em Jerusalém para a manifestação do Espírito Santo, como a promessa do Pai. A partir desse acontecimento o Evangelho começou a difundir-se. Como nos apresenta Comblin (1998, p.13):

> Nesse dia há uma grande reunião do provo em Jerusalém. O acontecimento de Pentecostes é o ponto de partida da história da marcha do testemunho. O que nasce do Espírito é a missão do testemunho. Do testemunho nasce a Igreja de Jerusalém. E dela parte a missão do testemunho.

No relato do livro de Atos os apóstolos e outros cristãos, por ordem de Jesus, esperavam pelo Espírito Santo (cf. Lc 24,45-49; At 1,4-5); mas, certamente, os discípulos e as outras pessoas ali reunidas, não sabiam o que estava para acontecer. Quando o Espírito Santo se manifestou, todos receberam o poder de falar em outras línguas. Nessa manifestação, houve uma grande admiração por parte das pessoas que ouviam os ensinamentos de uma nova doutrina em seu próprio idioma, e ainda pelo fato de serem transmitidos por pessoas simples do povo que, a partir daquele momento, falavam com eloquência e autoridade sobre o assunto; afinal, os apóstolos sabiam do que falavam por serem eles mesmos testemunhas de toda a história. Os Apóstolos eram considerados pessoas simples que viviam em sua comunidade cada um deles exercendo sua profissão, com trabalhos artesanais, agrícolas, pesca entre outros. Com certeza, as pessoas perguntavam umas às outras como poderiam os apóstolos e outros presentes se comunicar usando de uma persuasão tão forte ao ponto de convencer cerca de três mil pessoas (At 2,41)

a aceitarem uma nova fé? Havia uma convicção nos ensinamentos de Cristo transmitidos por parte dos apóstolos que era contagiante. De fato, eles estavam prontos para dar o testemunho de que foram incumbidos; estavam prontos a comunicá-lo ao mundo.

Em Lucas vemos que Jesus começa a sua missão após o batismo de João, e nesse momento Jesus recebe o Espírito Santo. Diante desse fato, Jesus é guiado pelo Espírito para realizar a obra do Pai comunicando o Reino de Deus. Da mesma forma, em Jerusalém por ocasião da festa de Pentecostes, o Espírito Santo se manifestou e os apóstolos, puderam continuar o testemunho do Reino de Deus realizado por Jesus“ A comunidade pode continuar o que Jesus começou porque ela recebe para isso o mesmo Espírito que dirigiu a vida de Jesus” (STORNIOLO, 2008, p.20).

A escola lucana escreveu dois livros: o Evangelho e os Atos dos Apóstolos. No Evangelho Lucas descreve a caminhada de Jesus da Galileia para Jerusalém. Em Atos dos Apóstolos Lucas coloca a Igreja saindo de Jerusalém, indo para o centro do império: Roma. Neste caminho a Igreja é conduzida e dinamizada pelo Espírito Santo.

3 O ESPÍRITO GERA A IGREJA, ATOS (2, 1-13):

Esse capítulo apresenta a importância do fenômeno religioso ocorrido na festa de Pentecostes em Jerusalém que está narrado no Novo Testamento no livro de Atos (2, 1-13). A glossolalia foi uma das manifestações do Espírito Santo, a qual marcou o início da Igreja de Jesus Cristo.

3.1) ANÁLISE DE ATOS 2, 1-13

Para entender melhor o texto de At 2,1-13, é necessário ter uma compreensão do que é o Espírito Santo para a escola lucana. No Evangelho de Lucas percebe-se que é Lucas quem dá mais ênfase à figura do Espírito Santo. Às vezes Ele é chamado de “o Espírito”, “o Espírito Santo” e, por vezes, “o Espírito de Jesus”. Essa terminologia aparece dezesseis vezes nesse Evangelho (MOREIRA, 2012, p. 42).

Em Atos dos Apóstolos, seguindo a linha do terceiro Evangelho, o Espírito Santo é quem conduz a comunidade cristã. É Ele quem guia os apóstolos enviados e irradia a Palavra de Deus de “Jerusalém a Roma”. O Espírito é mencionado como aquele que conduz a comunidade por cinquenta e duas vezes. Neste livro o Espírito é “o grande personagem”. Por isso, muitos estudiosos chamam os Atos dos Apóstolos de “o Evangelho do Espírito Santo” (MOREIRA, 2012, p. 44).

Em At 2,1-13, a narração dos sinais acontecidos no dia de Pentecostes. Segundo Martini (1982, p. 67), não forma uma unidade fechada em si mesma, mas é concebida como preparação ao discurso seguinte nos versículos 15.33.38.39. Essa narração culmina com a expressão de admiração do v.12 “que coisa quer dizer tudo isso?” À qual se responderá com as palavras de Pedro (vv.14-36) no v.1 vem descritas as circunstâncias do fato. Nos vv.2-4 vem narrado o fato mesmo da vinda do Espírito Santo. Os vv.5-6 introduzem os testemunhos destes eventos prodigiosos. A admiração suscita gradualmente dos vv. 7.8.12, a enumeração de diversos povos (vv.9-11) e a referência irônica final (v.13) que prepara pelo contraste as seriedade do anúncio (v.14 ss) (MARTINI, 1982, p. 67).

É importante nesse momento do estudo que se faça uma análise detalhada de cada verso dessa passagem. Para isso, serão usadas três versões das escrituras: a Bíblia de Jerusalém, a Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional, a Bíblia Sagrada Tradução das Línguas Originais por João Ferreira de Almeida.

BIBLIA DE JERUSALÉM	**NOVA VERSÃO INTERNACIONAL**	**JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA**
1.Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar.	1.Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos num só lugar.	1.Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar.
2.De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam.	2.De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados.	2.De repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados.
3.Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles.	3.E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles.	3.E viram línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.
4.E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem.	4.Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava.	4.Todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.
5.Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos, vindos de	5.Havia em Jerusalém judeus, devotos a Deus, vindos de todas as	5.Em Jerusalém estavam habitando judeus, homens

todas as nações que há debaixo do céu.	nações do mundo.	religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu.
6.Com o ruído que se produziu, a multidão acorreu e ficou perplexa, pois cada qual os ouvia falar em seu próprio idioma.	6.Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua.	6.Correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.
7.Estupefatos e surpresos, diziam: “Não são, acaso, galileus todos esses que falam?	7.Atônitos e maravilhados, eles perguntava: “Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando?	7.E todos pasmavam e se maravilhavam, perguntando uns aos outros: Não são galileus todos esses homens que estão falando?
8.Como é, pois, que os ouvimos falar, cada um de nós, no próprio idioma em que nascemos?	8.Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna?	8.Então, como é que os ouvimos, cada um, na nossa própria língua nativa?
9.Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, da Judéia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia,	9.Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia,	9.Partos, medos e elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, Ponto e Ásia.
10.da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia próximas de Cirene; romanos que aqui residem;	10.Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma,	10.Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia perto de Cirene, forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos,
11.tanto judeus como	11.tanto judeus como	11.cretenses e árabes –

prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus!”	convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes. Nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua”	todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus.
12.Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: “Que vem a ser isto?”	12.Atônitos e perplexos, todos perguntavam uns aos outros: “Que significa isto?”	12.Todos se maravilhavam e estavam perplexos, perguntando uns aos outros: Que quer dizer isto?
13.Outros, porém, zombavam: “Estão cheios de vinho doce!”	13.Alguns, todavia, zombavam deles e diziam: “Eles beberam vinho demais”.	13.Outros, porém, zombando, diziam: Estão cheios de vinho.

É necessário uma comparação geral dessas três versões, a fim de obter um melhor entendimento do texto.

Quando essa perícope é analisada nota-se que essa passagem retrata um dos momentos mais marcantes da história do cristianismo. Para interpretar esse texto é de suma importância discernir, portanto, o contexto no qual se dá todos os acontecimentos.

3.2 UMA VISÃO RÁPIDA DO AMBIENTE SÓCIO-POLÍTICO DA ÉPOCA DE JESUS

Conhecer o ambiente sócio-político na época de Jesus, e que ainda no Pentecostes vigorava, é fundamental para entender a questão cultural, o estilo de vida. A partir desse conhecimento é possível tirar maior proveito da leitura do livro de Atos. E assim, perceber melhor em que circunstâncias nasceu o Cristianismo.

Jesus viveu na Palestina, precisamente na Galileia na cidade de Nazaré. A economia girava em torno da agricultura e pecuária que envolve a pesca. A

força de trabalho era feita pelos diaristas e escravos. Os camponeses sem propriedades, arrendavam terras e trabalhavam como meeiros. O artesanato era forte nas aldeias e nas cidades, a atividade era passada de pai para filho. Os ramos principais de artesanatos eram

> ... cerâmica (vasilhames e artigos de luxo), trabalho de couro (sapatos, peles curtidas), trabalho de madeira (carpintaria), fiação e tecelagem, aproveitando a lã de carneiros, abundantes na Judeia. O artesanato de luxo se concentra em Jerusalém, e serve para ser vendido como lembrança aos peregrinos. (Bíblia Pastoral, 1990, p. 1.175).

Os artesãos e os trabalhadores do campo formavam uma importante classe trabalhadora na Palestina. Juntamente com os padeiros, barbeiros, açougueiros, carregadores de água e os escravos que eram usados em várias atividades.

O comércio era movimentado com a circulação de mercadorias produzidas na agricultura e no artesanato. Os grandes proprietários de terra dominavam e desenvolvia essa movimentação mais nas cidades. Essa circulação de mercadorias, assim como outras atividades envolvidas no comércio eram controladas por um sistema de impostos. Esses impostos eram cobrados pelos cobradores de impostos conhecidos como publicanos. Além dos impostos cobrados pelo Estado Judaico, os romanos também cobravam uma série de impostos:

> Mas a exploração e dominação não se restringem à economia interna, pois a Palestina é colônia do império romano. Este também cobra uma série de impostos: o tributo (imposto pessoal e sobre as terras), uma contribuição anual para o sustento dos soldados romanos que ocupam a Palestina, e um imposto sobre a compra e venda de todos os produtos (Bíblia Pastoral, 1990, p. 1.175).

No tempo de Jesus esses impostos e outras taxas que eram cobradas à população, se tornaram insuportáveis.

A Palestina era colônia do império romano. Então, havia por parte do império uma grande exploração e dominação econômica. O poder sobre a Palestina estava nas mãos dos romanos.

Entretanto, os romanos permitiam que suas colônias tivessem seus próprios representantes e autoridades:

> O poder efetivo sobre a Palestina está nas mãos dos romanos. Mas, em geral, estes respeitam a autonomia interna das suas colônias. A Judéia e a Samaria são dirigidas por um procurador romano, mas o sumo sacerdote tem poder de gerir as questões internas, através da lei judaica. Este porém, é nomeado e destituído pelo procurador romano (Bíblia Pastoral, 1990, p. 1.175).

Jerusalém e o Templo são o centro do poder político e do poder religioso. É do templo que o sumo sacerdote governa, juntamente com o Sinédrio que era o Tribunal Supremo:

> O centro do poder político interno da Judeia e Samaria são a cidade de Jerusalém e o Templo. Com efeito, é do Templo que o sumo sacerdote governa, assessorado por um Sinédrio de 71 membros, composto de sacerdotes, anciãos e escribas ou doutores da Lei. O Sinédrio é o Tribunal Supremo (criminal, político e religioso) e sua influência se estende sobre todos os judeus, mesmo os que vivem fora da palestina (Bíblia Pastoral, 1990, p. 1.175).

Grupos políticos religiosos que faziam parte da sociedade do tempo de Jesus como os saduceus, os escribas (doutores da Lei), os fariseus, os zelotes, os herodianos (partidários de Herodes), os samaritanos e os essênios, eram grupos contraditórios entre si, não compartilhavam o modo de se relacionar com as questões políticas, econômicas, religiosas, se divergiam muito em seus conceitos, uns defendiam as crenças nos anjos, demônios, messianismo, ressureição, outros eram considerados raça impura por serem descendentes de casamentos entre judeus e estrangeiros.

Nesse tempo a religião estava concentrada no Templo e cultivada nas sinagogas. O Templo possuía um grande poder não só religioso como também econômico e político. Os sacerdotes eram considerados pelo povo autoridades constituídas por Deus. Assim, a partir do Templo várias decisões políticas e econômicas eram tomadas e respeitadas. O povo frequentava o Templo para cultuar a Deus. Era o lugar que os aproximava do Sagrado.

Depois que Jesus é batizado por João Batista, ele começa sua revolução, a sua maneira e prega o fim do governo e o início de um novo governo, onde haja igualdade (MAINVILLE, 2002, p. 87), escolhe doze homens para segui-lo e com eles causa uma grande movimentação em toda a Galileia e Judéia, deixando as autoridades constrangidas e preocupadas o que mais

tarde ocasionou a morte de Jesus. Como escreve Horsley (apud MAINVILLE, 2002, p. 90):

> Jesus não pregava uma espécie de novo estilo de vida para os indivíduos, mas, visando as comunidades locais, tratava da desintegração de suas condições socioeconômicas. [...] Jesus pronuncia também a condenação de Deus, não sobre Israel (e menos ainda sobre o judaísmo), mas sobre o Templo, os dirigentes de Jerusalém e seus representantes, os escribas e fariseus, o que "provinham de Jerusalém". [...] O impacto dos governos de Roma e de Herodes [...] é sentido na desintegração das famílias e das comunidades camponesas locais.

Na época de Jesus e no Pentecostes, as pessoas viviam sob pressão por todos os lados, tanto políticas quanto religiosas, as pessoas não tinham como se sustentar, as taxas de impostos eram altas e tiravam-lhes o direito de viver com dignidade; os governos não ofereciam nenhum tipo de incentivo a essa sociedade, apenas tiravam sem piedade tudo o que tinham, como mostra Reimer (2006, p. 138):

> Tratava-se de um sistema escravagista que se alimentava de várias fontes, entre elas o endividamento. Junto com isso, o sistema político romano era mantido pela sua política de taxação e arrecadação de inúmeros impostos. Nem todas as pessoas, porém, podiam pagá-los. E, assim, crescia o processo de endividamento e aumentava o número de escravas e escravos.

Diante de tanta opressão o Pentecostes marcou o início de uma nova história para a humanidade. Os seguidores de Jesus ganhavam poder e intrepidez pela manifestação do Espírito Santo, e começaram a pregar um estilo de vida de reverência a Deus, com liberdade e respeito para com o próximo.

Quando as autoridades mataram Jesus acreditaram que havia cessado todo aquele movimento ameaçador, ao invés disso aconteceu como bem expõe STORNIOLO (2008, p. 37): "Os chefes do povo pensaram livrar-se de Jesus, matando-o. Mas Deus o ressuscitou e, através dos seus seguidores, ele continua presente e agindo, de forma multiplicada!".

No dia de Pentecostes, o movimento de Jesus com mais força, toma proporções maiores com o mover do Espírito Santo, o caminho está direcionado, o alvo é pregar o evangelho a todas as nações do mundo.

3.3 O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO SANTO

Ao ler o texto de Atos fica evidente todo um cenário preparado para receber a manifestação do Espírito Santo. A manifestação do falar em línguas estranhas era necessária naquele momento, pois a cidade de Jerusalém estava cheia de pessoas de outras nacionalidades diferentes, fora da Judéia. Era uma cidade romana, pois possuía oficiais do império romano, havia vários costumes e culturas misturadas naquele meio. Entretanto, por parte dos judeus, existia um certo isolamento, porque eles não se misturavam com as culturas de outros povos.

O dom de línguas manifestado, não fora por acaso. Conforme a narrativa bíblica, havia uma ordem de Jesus de que o evangelho fosse anunciado em todas as nações, não apenas no judaísmo. Dentro da realidade da época, seria muito difícil a divulgação do evangelho em outras línguas, mas com a manifestação do Espírito Santo os apóstolos foram capacitados para tal feito. E foi exatamente nesse dia que o cristianismo ganhou sua força e começou a ser divulgado às nações representadas no Pentecostes.

A narrativa de Pentecostes é simples. Os seguidores de Jesus, provavelmente os apóstolos, os cento e vinte discípulos, as mulheres e os parentes de Jesus, estavam reunidos provavelmente onde Jesus havia celebrado a última ceia, em Jerusalém. De repente do céu vem um barulho, como de forte vendaval, e enche a casa. Aparecem línguas de fogo, que pousam sobre cada um. Esses elementos – barulho, vento, fogo – são típicos das manifestação de Deus. Significam que Deus está agindo (Ex. 19; 1Rs 19,11; Is 66,15; Sl 50,3).

Essa distribuição das línguas como que de fogo, em que cada forma veio pousar sobre cada um dos presentes, foi o cumprimento da promessa do batismo de fogo, segundo está narrado no livro de Mateus 3;11 e Lucas 3,16, além de outras passagens bíblicas. Foi um contraste o batismo em água, ministrado por João Batista com o batismo com o Espírito Santo que foi prometido pelo Senhor Jesus ao seus seguidores, como bênção especial, para servir de símbolo especial de seu ministério, em relação ao ministério de João Batista, que foi inicial e menos importante, embora tivesse a sua parte própria e

necessária, como preparação dos homens para o recebimento de um batismo mais espiritual e mais profundo (CHAMPLIN, 1982, p. 44).

Quando os discípulos começaram a falar em línguas e todos os que haviam nascido em outros países podiam perfeitamente, ouvir as mensagens em seu próprio idioma, algo inusitado estava acontecendo, o relato diz: “nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus” (At 2,11). Não era uma fala qualquer, era uma fala coerente de admirável convencimento, possuía estrutura linguística não muito comum.

> O fato de que aqueles galileus (os apóstolos e cristãos primitivos) mostraram-se capazes de falar os diversos idiomas representados de forma fluente, correta e eloquente, foi motivo de intensa admiração, que só poderia ser explicada pela suposição que algo de divino havia acontecido (CHAMPLIN, 1982, p. 51).

As pessoas se reuniram nas ruas, provavelmente, atônitos a espera de uma explicação. Os discípulos nesse dia do Pentecostes puderam testemunhar a manifestação do Espírito, quando de maneira eloquente falavam das “grandezas de Deus” em idiomas fluentemente. Isso permitia uma credibilidade maior ao acontecimento, porque pelo espanto dos ouvintes, acredita-se que os discípulos, a maioria, talvez, fossem incultos, conforme observa Champlin:

> ... o assunto era exaltado e eloquente, o tipo de eloquência que ninguém suspeitaria poder ser posse daqueles galileus pobres e incultos, nem mesmo em seu idioma nativo, quanto menos quando usavam misteriosamente idiomas estrangeiros (CHAMPLIN, 1982, p.51).

A beleza desse evento é que ele, na ótica dos fiéis, desvenda um plano de Deus, que através desses homens simples, em pequeno número diante da dimensão que a obra alcançaria, Jesus Cristo estava conferindo aos gentios um sinal de que existia agora um caminho novo, de maior acesso a Deus, no qual os homens podiam voltar-se para Deus (CHAMPLIN, 1982, p. 51).

3.3.1 A vinda e obra do Espírito Santo

A manifestação do Espírito Santo ocorreu por ocasião da festa judaica de Pentecostes em Jerusalém, festa tradicional que reunia judeus que

moravam fora da Palestina, espalhados por várias nações. Lucas pretende ensinar que o Cristianismo tem uma origem comum que é a experiência com o Espírito Santo, em Jerusalém. Conforme mostra Storniolo (2008, p. 31):

> A cena em Jerusalém, portanto, é simbólica, pretendendo mostrar que o cristianismo tem uma origem comum: a experiência do Espírito, a partir de Jerusalém, a cidade-centro do povo de Deus, onde culminou a vida e o testemunho de Jesus. Lucas quer salientar a origem única do testemunho cristão.

Conforme a narrativa de Lucas, a atribuição do Espírito em Jerusalém ligava-se com o "falar em outras línguas"; juntos os discípulos proclamavam as maravilha de Deus (At 2:4,11). A narrativa de Atos 2 não é totalmente clara, no entanto, tem-se a percepção que o sobrenatural aconteceu quando todos os discípulos e as pessoas que os acompanhavam (At 1:15,16), estavam reunidos e experimentaram, juntos, o batismo do Espírito Santo.

> Ainda que a tradição não nos tenha transmitido qualquer quadro totalmente claro dos eventos no Pentecoste, pelo menos deixa claro que o Espírito de Deus levou a efeito um ato excepcional de falar e ouvir o evangelho, o que teve como resultado a formação da comunidade original (HAARBECK, 2000, p. 1509).

Quando mais tarde em Cesaréia, outras pessoas receberam o Espírito Santo e se tornaram membros da igreja, também puderam experimentar o dom de "falar em outras línguas" compartilhando da graça de adorar e louvar a Deus. Os convertidos em Éfeso (At 10:46; 19:6), assim como em Corinto (1 Co 14:2, 28), tiveram a experiência do batismo com o Espírito Santo, e experimentaram o dom da glossolalia, embora de forma diferente, mas o êxtase de falar línguas desconhecidas era com o mesmo propósito de adorar a Deus. Conforme escreve Haarbeck:

> Estas manifestações eram, sem dúvida, de tipos diferentes, visto que, para Jerusalém, Lucas descreve o falar em línguas como uma pregação do evangelho (*apophthengesthai*, "declarar abertamente", "dirigir-se a alguém com entusiasmo", At 2:4, 14) dirigida às pessoas em idiomas estrangeiros, ou pelo menos dialetos; em Cesaréia, Éfeso e Corinto, no entanto, tratava-se provavelmente de louvor e adoração que se dirigiam a Deus em tons inarticulados. O que há em comum é a convicção de que estes fenômenos estão arraigados, não na excitabilidade da piedade humana, mas, sim, na obra do Espírito Santo, e que contribuem à glorificação e à adoração a Deus (HAARBECK, 2000, p. 1510).

De acordo com os estudos já apresentados, neste trabalho, a vinda do Espírito Santo aconteceu de forma sobrenatural (At 2,1-4). Conforme foi prometido por Jesus “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós” (At 1, 8). Assim, o Espírito Santo se manifestou, exatamente no dia de Pentecostes, quando os discípulos juntamente com outras pessoas estavam em oração, aconteceu o cumprimento das promessas. Iniciando, assim, a Igreja, a nova comunidade que Deus criou para levar a salvação a todas as nações. “Todo homem, ao aceitar a Cristo, experimenta em sua vida a presença e a obra do Espírito Santo” (SOUZA, 1999, p. 58).

O Espírito Santo veio para cumprir as promessas, no Antigo Testamento (Is 32.5; Ez 36.26-27; Joel 2.28ss) no Novo Testamento (Mt 3.11; João 16.7; Atos 1.5). O Espírito Santo veio para todos e não só para alguns. Conforme Atos 1.15, todos os 120 estavam reunidos e todos receberam o batismo com o Espírito Santo.

O Espírito Santo veio em manifestação sobrenatural, com som intenso como de um vento impetuoso (At 2.2), línguas de fogo (At 2.3), ficaram cheios ...e passaram a falar em outras línguas (At 2.4). Com essa manifestação iniciou-se a igreja e o Espírito Santo veio para dirigi-la (At 2.4, 8) e logo despertar a atenção dos não cristãos (At 2.5,6). Uma das tarefas do Espírito Santo é convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11). O Espírito Santo veio para proclamar as grandezas de Deus (At 2.11-14) pelo poder e no controle as grandezas de Deus foram proclamadas por: Pedro, Estevão, Felipe, João, Paulo e outros. O ministério do Espírito Santo é o de glorificar a Jesus Cristo (Jo 16.14). A vinda do Espírito Santo foi o marco inicial na vida da Igreja. A obra do Espírito Santo foi, e é, a capacitação da Igreja para o cumprimento da sua missão: “proclamar as grandezas de Deus para todas as nações debaixo dos céus” (SOUZA, 1999, p. 59).

Quando a manifestação ocorreu, já era tão esperada pela jovem comunidade, fenômenos sobrenaturais foram sentidos por todos. Um mistério além de qualquer experiência terrena aconteceu. Mistério que para ser desvendado e sentido pelos presentes necessitava de símbolo perceptível. Desde o Velho Testamento vento e fogo simbolizavam a presença divina. A linguagem, conforme deve-se notar, é por analogia “ um ruído como o agitar-se de um vendaval” (At 2, 2a); “ línguas como que de fogo” (At 2, 3a). O texto

continua e diz que uma chama se dividiu em várias línguas, de modo que cada uma delas pousou sobre uma das pessoas presentes, outra analogia interessante, aí sim, o sobrenatural se manifestou “E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem” (At 2, 4). Essa passagem diz “ficaram repletos” é interessante fazer uma citação de Marshall sobre essa expressão:

> Com estes sinais externos, veio o Espírito Santo como realidade interna e invisível que demonstrou a Sua presença mediante os efeitos sobre os discípulos. Lucas emprega a expressão ficaram cheios para descrever a experiência. Esta palavra se emprega quando as pessoas recebem o revestimento inicial do Espírito para capacitá-las para o serviço de Deus (At 9:17; Lc 1:15), e também quando ficam inspiradas para fazerem declarações importantes (4:8, 31; 13:9); palavras afins se empregam para descrever o processo contínuo de ser cheio com o Espírito (13:52, Ef 5:18) ou o estado correspondente de estar cheio (6:3, 5: 7:55; 11:24; Lc 4:1). Estas referências indicam que se uma pessoa já está cheia do Espírito, pode receber um novo revestimento para uma tarefa específica, ou um enchimento contínuo. É importante observar, também, que aquilo que aqui se chama “ficar cheio”, também é chamado “batismo” (1:5 e 11:16), um “derramamento” (2:17-18; 10:45) e um “recebimento” (10:47). O ato básico de receber o Espírito pode ser descrito como ser “batizado” ou “cheio” (MARSHALL, 1982, p.69).

A narrativa segue explicando quais eram as línguas ou idiomas falados pelas nações ali representadas (At 2, 5-11), todos que ouviram os discípulos proclamando, pela primeira vez, em sua própria língua, ficaram maravilhados. E alguns chegaram a pensar que os discípulos estavam embriagados (At 2, 13). Mas no sermão logo após este momento, Pedro argumenta dizendo: “Estes homens não estão embriagados, como pensais, pois esta é apenas a terceira hora do dia” (At 2, 15).

> No sermão que segue a este momento miraculoso, Pedro tem de argumentar que ele e seus colegas não estão bêbados, afinal, era apenas a terceira hora do dia. Muito cedo para entregar-se ao vinho. Mas é possível também entender desta palavra de Pedro como admitindo que o êxtase provocado pelo Espírito, acompanhado talvez por sons e gestos desengonçados, poderia ter provocado uma compreensão equivocada do fenômeno por seus ouvintes (NOGUEIRA, 2003, p. 60).

3.3.2 O Espírito capacita falar a língua vernácula das nações representadas no Pentecostes

O Espírito prometido por Jesus orienta e impregna as palavras e os atos dos discípulos. Percebe-se que em Jerusalém havia várias pessoas visitando a cidade por ocasião da festa. O texto (At 2, 9-11) evidencia a dispersão do povo judeu pelo mundo afora e permite vislumbrar o imenso campo de trabalho confiado aos apóstolos e à Igreja. Nessa passagem há uma variedade de povos que visa mostrar a diversidade de testemunhas presentes na festa de Pentecostes. A força desse acontecimento contribuiu muito para o início da Igreja. Kürzinguer exalta o evento de Pentecostes da seguinte forma:

> As “grandezas de Deus” formam o conteúdo da linguagem de Pentecostes. Houve, sem dúvida, a explosão de incontida alegria, a confissão de felicidade, em vista da revelação salvífica de Deus, pela maneira como foi proporcionada ao mundo em Jesus Cristo. Havia chegado a primeira ocasião de testemunhar a Cristo e de Sua graça,iniciando-se assim o que fora ordenado em 1,8. Foi a primeira revelação da “força” do Espírito Santo que enche a Igreja (KÜRZINGUER, 1984, p. 54).

Supõe-se que, em dado momento, os discípulos deixaram o cenáculo e entraram em contato com as multidões reunidas em Jerusalém por ocasião da festa de Pentecostes, muitos judeus depois que voltaram da dispersão para Jerusalém estavam residindo, para ali findar os seus dias. A presença e participação deles nesse evento se tornou significante para o mundo inteiro. Pois todos eram judeus ou prosélitos, não eram pagãos, e serviam de símbolo da necessidade que as pessoas têm de receber o evangelho, e também mostra a responsabilidade da igreja para cumprir sua missão (MARSHALL, 1982, p. 70).

Provavelmente quando os discípulos começaram a falar em “outras línguas”, os que ouviam em sua própria língua, entendiam palavras e frases de louvor a Deus, nos versículos (7-11) narrados permite entender que ele diziam várias coisas que estavam sendo ditas, combinadas, numa só declaração coral (MARSHALL, 1982, p. 71).

> A voz dos discípulos que clamavam alto lançou perplexidade sobre a multidão, porque não podia compreender como galileus conseguiram falar as várias línguas dela. A objeção já foi levantada que a maioria daqueles que estavam na multidão deviam falar Aramaico ou Grego, as duas línguas era, portanto, desnecessário. Esta dificuldade, porém, certamente era óbvia para Lucas também. O que era

> importante é que se falavam as várias línguas maternas, vernaculares, destes povos (MARSHALL, 1982, p. 70).

A história inteira do dom do Espírito Santo, acompanhada e testificada pelo próprio falar em línguas, apresenta Deus tratando os homens de uma nova maneira, diferente e elevada, dando prosseguimento no ministério de Jesus. O Espírito Santo, significa Deus com os homens, cuidando deles, interessado profundamente em seus destinos. Tudo isso de forma universal, a partir de Pentecostes os homens, sem quaisquer distinções de raça ou de classe, podem achegar-se a Deus com intimidade. Isso era o começo da igreja de Cristo, uma instituição espiritual completamente nova e muito mais elevada (CHAMPLIN, 1982, p. 51).

3.4 SOB A DIREÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito é um dom de Deus, veio do céu, conforme Jesus havia prometido (At 1,4-8). Portanto, o dinamismo e ação dos cristãos vinha do mover do Espírito em suas vidas, que os capacitavam para todos os atos e testemunhos que no decorrer do tempo aconteceriam (STORNIOLO, 2008, p.29).

Kürzinger percebe a tensão da jovem comunidade que espera. A espera do Espírito Santo. O relato menciona que o batismo seria com o Espírito Santo, como dissera Jesus na última aparição (At 1,8) e a partir desse momento os discípulos ficariam capacitados para a difusão dos ensinamentos de Jesus. No dia de Pentecostes a promessa se cumpriria, no dia denominado “quinquagésimo” depois da Páscoa (KÜRZINGER, 1984, p. 50).

Nas palavras de Mosconi Lucas apresenta que o acontecimento deu-se no dia de Pentecostes,

> Pentecostes era uma data importante para o povo israelita, pois lembrava a aliança que Javé havia feito no deserto com o povo que havia saído da escravidão do Egito, aos pés do monte Sinai (Ex 19, 1-25). Foi lá que o povo acolheu os dez mandamentos (Ex 20, 1-17), assumindo o compromisso de nunca mais voltar a um regime de opressão e de escravidão. Todo ano o povo festejava com solenidade esse dia (Lv 12, 15-22). Era uma das três festas mais importantes para o povo judeu (Ex 23, 14-17) (MOSCONI, 2001, p. 86).

A mensagem de Atos é mostrar o “avanço irresistível e transformador da Palavra de Deus” (MOSCONI, 2001, p. 85). Quando inicia-se esse livro os discípulos perguntam para Jesus “Senhor é agora o tempo em que irás restaurar a realeza em Israel?” (At 1,6). Isso mostra uma visão dos discípulos ainda nacionalista do Reino de Deus, não estava revelado o propósito real que Deus já havia planejado. Seguiam as tradições imitando práticas antigas como por exemplo o número de cento e vinte para constituir um conselho ou sinédrio que representasse o povo de Israel. O Espírito Santo veio de forma diferente, sua manifestação foi tremendamente reveladora. O Espírito age como quer, atua como quer, não segue tradições. “A caminhada de toda comunidade é um processo e precisa estar aberta à novidade do Espírito” (MOSCONI, 2001, p. 86). O Espírito Santo é novidade de vida, abre novas fronteiras sempre e convida a caminhar. Logo no início de Atos é revelado a grande mudança que iria acontecer com a descida do Espírito Santo (MOSCONI, 2001, p. 86).

A manifestação do Espírito Santo na festa de Pentecostes é para cumprir o que Jesus já havia prometido em Atos (1,8), o que marca oficialmente o início da Igreja. A partir desse acontecimento os apóstolos novamente em número reconstituído, acompanhados de uma pequena comunidade, estão aptos e autorizados, pela força do Espírito Santo para anunciar a nova fé ensinada por Jesus (FABRIS, 1991, p. 60).

Para reconstituir o círculo dos doze uma eleição foi feita e Matias é o escolhido para ocupar o lugar de Judas. Não era uma eleição sem critérios, o escolhido precisava preencher os requisitos para ser apóstolo do Senhor, conforme Kürzinger comenta:

> Há condições imprescindíveis a serem exigidas de quem vai ser eleito. Importa seja ele “testemunha” no sentido da última ordem do Senhor e, principalmente, testemunha da Sua ressurreição. Pois esta é, na história da salvação, o fato salvífico decisivo e por excelência (KÜRZINGER, 1984,p. 46-47).

Comblin diz que “o acontecimento de Pentecostes é naturalmente fundamental: é o ponto de partida da história, isto é, da história da marcha do testemunho” (1988, p. 87), e ainda diz “ que a Igreja é secundária: a realidade principal é a missão do testemunho” (1988, p. 87). Para completar essa reflexão Comblin diz que todo o agir procede do Espírito:

> A Igreja é o ponto donde parte a missão do testemunho e ao mesmo tempo ela nasce do testemunho. Tanto na marcha do testemunho como na Igreja o Espírito Santo é a fonte do dinamismo. Todo o agir procede do Espírito. Uma vez que o Espírito intervém, já nada pode pará-los. O Espírito é uma energia incontrolável (COMBLIN, 1988, p. 87).

A cena de Pentecostes relembra o batismo de Jesus. Depois de batizado Jesus começou o seu ministério. Com a manifestação do Espírito surge a comunidade prometida pelos profetas para o tempo final (FABRIS, 1991, p. 60).

É oportuno, ainda, citar Fabris que descreve os acontecimentos simbólicos de teofania no dia de Pentecostes e a nova visão de uma fé oferecida não só aos judeus, no entanto, seria anunciada para todos os povos, independente de línguas, raças e nações:

> Numa primeira visão panorâmica, aparece a articulação externa do relato: introdução (2,1), que refere as circunstâncias de tempo e o lugar do acontecimento ou experiência do Espírito; a cena teofânica ou manifestação divina do Espírito através de dois símbolos clássicos das teofanias, o vento (ou tempestade) e o fogo (2,2-3); segue a descrição do primeiro efeito do Espírito, a reação das testemunhas do mundo humano universal: o falar em “outras línguas” suscita assombro, admiração (2,4-8); a universalidade e o ecumenismo, nos quais se inserem a ação e o testemunho do Espírito, são expressos pela lista dos povos (2,9-11). É o núcleo da nova humanidade reunida pela força de coesão e de comunicação que tem a sua fonte no Espírito (FABRIS, 1991, p. 61).

Na concepção de Kürzinger o evento de Pentecostes foi alegórico por não poder descrever a ação do Espírito, ele diz:

> Deus se revela em acontecimentos alegóricos. É o que dá a entender, em nosso relato, o modo comparativo da exposição: “uma espécie de línguas de fogo”. Não houve nem verdadeiro vento, nem verdadeiro fogo; ambos são conceitos de que se lançou mão para caracterizar a indescritibilidade do Espírito (KÜRZINGER, 1984, p. 51).

Ainda citando Kürzinger que pondera sobre o fenômeno de Pentecostes:

> Do fogo, símbolo do tônus vital e do esplendor de Deus descem repartindo-se, línguas de luz como demonstração figurada de que cada um, a seu modo recebe algo de um mesmo Espírito (KÜRZINGER, 1984, p. 51).

Quando Lucas descreve a experiência do Espírito utiliza os símbolos clássicos da ação poderosa de Deus: o vento e o fogo. O Espírito vem de Deus, não é um produto da criação humana. É uma força irresistível que foge ao controle e manipulação humana. Quando Jesus responde a pergunta de Nicodemos, Ele diz: “O vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai; assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,8). De acordo com Lucas a vinda do Espírito Santo é manifestada com a imagem de línguas de fogo que se dividiam e pousavam sobre cada um deles (At, 2,3), a ação do Espírito é interior e exterior, transformadora pois nasce uma nova capacidade de comunicação: começara a falar outras línguas (At 2,4). Para exprimir a ação de Deus de que a sua palavra alcançaria todas as nações e que seria compreendida. A presença e a ação de Deus através do Espírito faz com que a lei penetre nas consciências e mude o íntimo do homem (FABRIS, 1991, p. 62).

Observe que os três elementos vento, fogo e línguas constituem um cenário espetacular da presença divina. O vento forte durante as horas matinais assusta as pessoas com o som impetuoso. Embora, todos estivessem esperando o Espírito, todos são surpreendidos pela subtaneidade da manifestação. Os discípulos de Jesus acreditam que a volta de Jesus será assim, repentina. “A despeito dos sinais dos tempos que Jesus revela ao seu povo, a volta dele será surpreendente e inesperada” (KISTEMAKER, 2006, p. 109). O outro elemento que é o fogo, em outras passagens bíblicas ele é sinônimo da presença de Deus, como por exemplo, Moisés ouviu a voz de Deus na sarça ardente. No relato de pentecostes aparece em forma de línguas de fogo e pousa sob a cabeça de cada pessoa, essas pessoas não apenas ouviram o som do vento mais também viram as línguas de fogo, embora Kürzinger acredite que foi totalmente alegórico, apenas para descrever o que é indescritível, Kistemaker acha que foi algo real, que as línguas puderam ser vistas por todos os presentes. Conforme relata:

> O Espírito Santo aparece nesse sinal externo e pousa sobre cada um dos crentes. Não se trata de algo ilusório, pois Lucas indica claramente que eles viram línguas de fogo (KISTEMAKER, 2006, p. 108).

Línguas, um elemento fundamental que permite a comunicação, o “falar em outras línguas” foi surpreendente e aconteceu para o cumprimento da ordem de Jesus aos seus discípulos para testemunhar em Jerusalém, na Judéia, em Samaria e até aos confins da terra (At 1,8).

Neste relato de Lucas entende-se que a experiência com o Espírito Santo é profunda e não é apenas exterior, é um fenômeno absurdo e irracional até que se interprete que Deus age poderosa e gratuitamente para transformar o homem a partir de dentro e o capacita a estabelecer relações novas com os outros homens. Ora, para descrever essa ação inovadora de Deus, Lucas lança mão da tradição cristã que tinha a linguagem e os símbolos religiosos das narrativas bíblicas, nas quais Deus intervém na história humana. A manifestação teofânica clássica é a do Êxodo, no monte Sinai, com a constituição do povo de Deus a partir dos dez mandamentos. No século II a.C. a antiga festa agrícola de pentecostes assumiu um novo significado: era a festa comemorativa da aliança no Sinai. No século 70 d.C. com a destruição do templo, passou a ser conhecida como a “Festa das semanas”, ou das primícias da colheita, que era celebrada sete semanas após a páscoa. Sob a influência dos fariseus, comemorava-se no Pentecostes o dom da lei. “A acolhida da lei é a condição de vida para a comunidade renovada e santa” (FABRIS, 1991, p. 61).

Storniolo comenta diferente, que a vinda do Espírito Santo ultrapassa o dom da lei, é uma nova relação entre o homem e Deus. Com a chegada o Espírito Santo é possível compreender profundamente a vontade de Deus no seu mais profundo entendimento. Com o mover do Espírito é possível ao ser humano uma transformação interior e a capacidade de viver uma vida plena mesmo diante das limitações que cada um possui.

> Colocando o dom do Espírito em Pentecostes, Lucas sugere a plenitude da aliança, não mais com o dom da Lei, mas com o dom do Espírito, que faz compreender em profundidade a vontade de Deus, o seu projeto. Cumpre-se assim, o que os profetas anunciavam: não mais uma lei escrita, mas uma lei interiorizada, próprio Espírito de Deus, capaz de produzir transformações radicais e levar à vida plena (STORNIOLO, 2008, p. 29).

3.5 O IMPACTO DO FENÔMENO DE PENTECOSTES NA COMUNICAÇÃO DA COMUNIDADE CRISTÃ

> A língua é o veículo de comunicação que, para cada pessoa, é a sua língua materna. Quando os estrangeiros residentes de Jerusalém ouvem o idioma que aprenderam no país onde nasceram e foram criados, eles ficam completamente pasmos. As barreiras linguísticas que embaraçam a comunicação eficaz são removidas quando o Espírito Santo capacita os crentes a transmitirem a revelação de Deus em vários idiomas (KISTEMAKER, 2001, p. 115).

O homem como um ser social, necessita comunicar-se, depende de outrem e neste contexto a comunicação faz a interação entre ele e o outro e entre eles e os demais. Em Jerusalém, nesse relato de Pentecostes, a língua foi o ponto culminante. Quando entendida ela desempenhou seu papel perfeitamente e se tornou uma ponte para comunicar as grandezas de Deus aos homens.

> A palavra e a linguagem são os meios mediante os quais o homem entra em relacionamento intelectual com o seu ambiente, mormente com o seu próximo. Mais do que mero símbolo, uma palavra ou conceito é, pra os antigos, um meio de ordenar fenômenos e idéias, e, ao mesmo tempo, uma ponte para a comunicação, e um meio de obter o domínio ou a influência, conforme se expressa especificamente nas formas de maldição e bênção (HAARBECK, 2000, p. 1507).

A partir disso, é possível ter uma percepção do quanto a língua, palavra exerce poder sobre os que falam e os que ouvem. A língua é uma necessidade básica do ser humano, através dela ele pode nascer, crescer e fazer parte de um ambiente no qual ele se posiciona se reconhece e se interage.

O surgimento da comunidade cristã primitiva bem como sua trajetória se dá pelo poder do Espírito enviado cujo sinal distintivo é o fenômeno da glossolalia, isto é, a igreja começa e continua sob a comunicação mediada pelo Espírito Santo.

No exame do evento de Pentecostes viu-se o fenômeno de uma comunicação feita ao mesmo tempo em vários idiomas e o resultado espetacular de entendimento e de convencimento de que tudo aquilo que estava sendo dito era, sem dúvida, uma nova verdade sendo descoberta.

Como bem coloca Kistemaker:

> O Espírito Santo une os crentes de várias partes do mundo, falando a eles de forma miraculosa na linguagem da fé. Ele torna possível para os ouvintes vencerem a confusão linguística de Babel (Gn 11.1-9) quando os chama a responderem ao evangelho em arrependimento e fé (v.38). Enquanto os incrédulos zombam do milagre do Pentecoste, 3.000 crentes se arrependem, são batizados e se unem à igreja (v.41) (KISTEMAKER, 2001, p. 112).

A partir desse dia começaram as pregações e o trabalho de várias pessoas envolvidas no ministério de Jesus. Enquanto eles pregavam a palavra conforme os ensinos de Jesus, se sentiam preparados para a sua volta. As comunidades foram se formando e vivendo com um só objetivo que era de pregar o evangelho. Havia união entre eles; além disso, os envolvidos no seu ministério compartilhavam tudo o que possuíam, repartindo e dividindo o pão de cada dia (At 2,44; 4,32). Tudo isso refletia a eficiência da comunicação de Jesus.

Em Atos dos Apóstolos, com o surgimento das primeiras comunidades, fica notório o impacto grandioso da linguagem e comunicação feitas por Jesus, pois as comunidades viviam plenamente os seus ensinamentos. É simbólica a manifestação do Espírito Santo usando línguas de fogo sobre a cabeça de cada um. Trata-se de uma revelação de que através da língua, em todos os seus significados, Deus alcançaria os corações humanos. A comunicação oral, escrita, por gestos, sinais, virtuais ou outras variantes que possui, tem sido o meio mais usado para levar o evangelho às pessoas que não o conhecem.

A repercussão na época sobre os acontecimentos em Jerusalém, durante a festa da Páscoa, abriu caminhos para a nova fé. Os relatos bíblicos não apresentam isso de forma clara, mas quando são mencionadas pessoas de várias nacionalidades presentes naquela ocasião, interpreta-se que cada uma delas, provavelmente, transmitiu a mensagem ouvida para as pessoas de suas regiões, pessoas de seu convívio, suas famílias e amigos.

Agora no século XXI está claro o quanto a comunicação foi eficaz. De fato, a nova fé, surgida naqueles dias, tomou proporções gigantescas e continua até hoje.

A comunicação foi o fator principal para a divulgação do Cristianismo. No relato bíblico em Atos dos Apóstolos o fenômeno da glossolalia marca o início

do Cristianismo. Analisando a narrativa, a comemoração do dia de Pentecostes era uma festa tradicional que reunia muitas pessoas. A manifestação do Espírito Santo aconteceu num momento apropriado, permitindo assim que as pessoas ali presentes levassem os seus testemunhos de uma nova fé a outras nações. Todo o cenário conspirou a favor dessa divulgação.

Fabris diz que uma nova humanidade estava se formando, a partir desse evento de Pentecostes, ele reflete da seguinte maneira:

> Depois de ter apresentado os protagonistas do novo povo, habilitados pelo Espírito para dar um testemunho autorizado e corajoso, Lucas apresenta os destinatários: os representantes do mundo judaico dispersos entre todos os povos... Cada nação do mundo, diz Lucas, é convocada a Jerusalém para ser testemunha da nova época histórica que se abre com a efusão do Espírito (FABRIS, 1991, p. 63).

De maneira clara universal e ecumênica o novo povo se mobiliza pela força do Espírito. Ao contrário de Babel (Gn 11,1-9), a humanidade foi dispersa e dividida depois de tentar construir um projeto grandioso e cheio de pretensões humanas, em Pentecostes a humanidade é reunida pela força do Espírito que “unifica os diferentes grupos humanos, respeitando e promovendo as características culturais, das quais a língua é expressão” (FABRIS, 1991, p.63).

Com o mover do Espírito é possível uma comunicação alternativa que visa assegurar a unidade dos povos e dos grupos humanos, pois o poder interior que o Espírito promove dá liberdade e faz fluir o amor nas relações, em todas as formas, da vida humana.

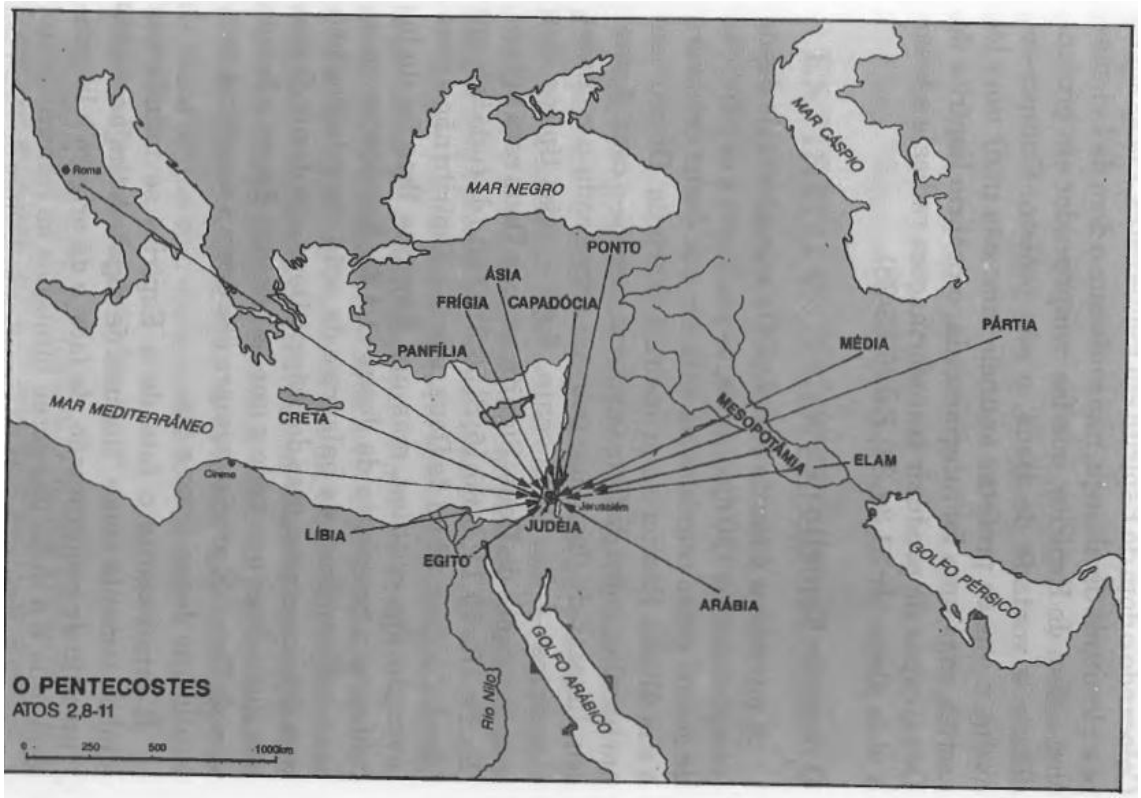
3.6 A FORMAÇÃO DO NOVO POVO DE DEUS (AT 2,5-11)

No livro de Atos quando é narrado que havia muitos judeus presentes na festa de Pentecostes, vindos de várias nações do mundo conhecido daquela época. Provavelmente é porque se quis enfatizar o evangelho de Cristo alcançando todos os povos, ficando assim, declarado a universalidade do cristianismo.

Por ocasião da festa judaica de Pentecostes, em Jerusalém, festa tradicional, que reunia judeus que moravam fora da Palestina, espalhados

por várias nações. Lucas pretende ensinar que o Cristianismo tem uma origem comum que é a experiência com o Espírito Santo. Conforme mostra Storniolo (2008, p. 31):

> A cena em Jerusalém, portanto, é simbólica, pretendendo mostrar que o cristianismo tem uma origem comum: a experiência do Espírito, a partir de Jerusalém, a cidade-centro do povo de Deus, onde culminou a vida e o testemunho de Jesus. Lucas quer salientar a origem única do testemunho cristão.



Fonte: Bíblia Sagrada Edição Pastoral, p. 1326

Como se vê pelo mapa, Lucas imagina que em Jerusalém na festa de Pentecostes, se encontravam judeus vindos de nações de todo o mundo conhecido daquela época. Por isso fica claro que o Evangelho não é só para a Palestina, a terra de Jesus, porém para todo o mundo, para todos, em todos os tempos e lugares, onde o Espírito possa se manifestar e transformar, uma vez que entende-se que Ele é irresistível, poderoso e age onde quer.

Lucas passa a dar uma visão global, passa uma lista das nacionalidades representadas. Inicia-se com três países ao leste do Império Romano, na área conhecida como Pérsia ou Irã, e depois continua para o oeste, para a

Mesopotâmia, o Iraque moderno, e a Judéia. Também várias províncias e áreas na Ásia Menor, e depois, o Egito, Roma, Creta e Arábia. Havia uma população judaica em cada uma destas áreas mencionadas, e a presença dos judeus frequentemente levava à conversão dos gentios para se tornarem prosélitos. Observa-se, então, que estavam presentes pessoas de todas as partes do mundo conhecido, e provavelmente voltariam para os seus próprios países como testemunhas daquilo que acontecia (MARSHALL, 1980, p. 71).

Verifica-se que a manifestação de Deus através do Espírito vai primeiro aos judeus. Depois é que é manifesto aos gentios. O próprio Jesus orienta os discípulos, quando os enviou a obra missionária: “Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Dirigi-vos, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.5,6). A profecia deveria ser cumprida primeiro aos judeus e depois aos gentios.

Lucas fornece uma descrição de uma maneira geral do mundo antigo que ele conhecia conforme ele diz “de todas as nações que há debaixo do céu” (At 2,5), com isso ele mostrou que muitos povos, de diversas regiões, estavam em Jerusalém por ocasião da festa de Pentecostes, ou moravam em Jerusalém, embora, tivessem vindo de outros países. Eram judeus de raça e religião ou então eram convertidos à fé judaica, apesar de descendentes de gentílicos.

> Por conseguinte, Lucas fornece-nos uma descrição, em pinceladas gerais, do mundo antigo que ele conhecida, ou, conforme ele diz no quarto versículo deste mesmo capítulo, “...todas as nações debaixo do céu...” Com isso ele mostrou que muitos povos, dessas tão diversas regiões, ou tinham subido a Jerusalém, para se fazerem presentes à festa do Pentecostes, ou então eram residentes em Jerusalém, embora tivessem vindo originalmente desses países. Eram judeus de raça e religião ou então eram convertidos à fé judaica, apesar de descendentes de povos gentílicos. Como um agrupamento humano, representavam muitas nacionalidades, idiomas e grupos étnicos (CHAMPLIN, 1982, p. 51).

Toda vez que o Espírito se faz presente e não é barrado ele se manifesta e tudo de novo acontece. As pessoas e as comunidades se transformam, nunca ficam como antes. O Espírito foi conduzindo o movimento de Jesus a partir do dia de Pentecostes. A mudança que o Espírito fez em todos os cento e vinte discípulos e em todos os outros que viriam depois, foi impressionante. O Espírito agia transmitindo coragem, clareza e fidelidade aos

discípulos. Um exemplo a ser dado é o de Pedro, antes medroso e traidor (Lc 22,54-62), quando recebe o Espírito Santo, foi capaz de enfrentar com firmeza e sabedoria os chefes do povo e dos doutores da Lei (At, 4.8). Desmascarou o crime que eles tinham cometido contra Jesus de Nazaré. Sem medo e com a maior alegria, testemunhava Jesus Cristo (At, 4, 9-12). Também os outros discípulos, cheios do Espírito Santo, anunciavam com coragem a Palavra de Deus (At, 4, 31) (MOSCONI, 2001, p. 93).

Muitas perseguições aconteciam naquela época, era um nova fé que estava surgindo, muitas pessoas da sociedade eram contra e não entendiam. Entretanto, o Espírito Santo continuava com sua ação. Ele os fortalecia nas horas difíceis, fazendo com que os discípulos, em meio às ameaças, perseguições e torturas, não desanimassem de ensinar e anunciar a Boa Notícia de Jesus Cristo.

Lucas narra em Atos que uma multidão se reuniu para saberem a origem do som que tinham ouvido era o barulho que identificaram com ruído forte do vento e o som dos apóstolos falando em muitas línguas.

Em Atos dos Apóstolos, a glossolalia, se dá de forma única. Os discípulos falavam e todo mundo entendia: “cada um ouvia, na sua própria língua, os discípulos falarem” (2,6); “nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus” (2,11). O fenômeno aqui não é o fenômeno da glossolalia, o “falar em línguas estranhas” ou “línguas dos anjos”, dos movimentos pentecostais do século XX. Nesses movimentos as pessoas falam e ninguém entende o que está sendo falado. Em Pentecostes todo mudo entendia o que estava sendo falado, “o Espírito Santo quebra barreiras e faz com que os discípulos se comuniquem com todos os povos” (MOSCONI, 2001, p.87). O conteúdo do que eles falavam está em todo livro de Atos: eles testemunhavam a pessoa e o Evangelho de Jesus Cristo. É interessante como Mosconi relaciona a língua com a cultura,

> Língua significa cultura de um povo, seu jeito de viver, de comunicar-se, de relacionar-se. A mensagem é bonita: o Evangelho de Jesus é Boa Notícia para todas as culturas! Nada, portanto, de Reino de Deus nacionalista e racista, como os discípulos imaginavam antes de receber o Espírito Santo (At 1,6). Nada de barreiras e preconceitos. O Espírito Santo arrebenta todos esses esquemas e abre caminhos novos. Os discípulos possuídos pelo Espírito Santo irão ser testemunhas de Jesus pelo mundo inteiro (MOSCONI, 2001, p. 88).

A primeira reação era de incompreensão. As multidões naturalmente estavam sem saber o que estava acontecendo, e esta situação criou a oportunidade para Pedro dirigir-se a elas, para explicar do que se tratava. O fato de algumas pessoas acreditarem que o falar em línguas era resultado de bebidas fortes, essa foi a explicação que alguém naturalmente daria se ouvisse pessoas dizendo palavras ininteligíveis (MARSHALL, 1980, p. 71).

Os discípulos do Senhor eram considerados pessoas simples, como pescadores, cobradores de impostos, talvez a maior parte deles não possuía uma cultura muito além da vida simples que eles levavam ali na Galileia, nem tampouco estudos avançados. Quando toda essa manifestação de Pentecostes aconteceu as multidões se assustavam e questionavam sobre o acontecimento. Sem dúvida, o que eles falavam exercia uma admiração pelos que ouviam (At. 2,7). Champlin, faz um comentário interessante:

> Ordinariamente, os judeus da capital, Jerusalém, zombavam dos galileus, porque consideravam-nos incapazes de falar em aramaico perfeito, quanto menos algum idioma estrangeiro de forma correta e fluente. Mais que isso, porém, agora aqueles galileus (os apóstolos) estavam falando em tantos idiomas de forma eloquente, com poder de persuasão, impulsionados com eram pelo Espírito Santo (CHAMPLIN, 1980, p. 49).

Quando o fenômeno de Pentecostes veio foi realmente para marcar para sempre a história dos cristãos. Um evento único e que deixou atônitos todos que estavam presentes. Cada detalhe do acontecimento foi marcado por manifestações divinas. Algo sobrenatural. Ainda citando Champlin:

> Os discípulos do Senhor, no dia de Pentecostes, não somente falavam aqueles muitos idiomas fluentemente, mas também o assunto era exaltado e eloquente, o tipo de eloquência que ninguém suspeitaria poder ser posse daqueles galileus pobres e incultos, nem mesmo em seu idioma nativo, quanto menos quando usavam misteriosamente idiomas estrangeiros (CHAMPLIN, 1982, p. 51).

Tudo isso serviu apenas para aumentar a credibilidade de que algo realmente divino estava acontecendo ali através daqueles cristãos. Deus estava permitindo os incrédulos presenciarem um sinal de que agora com o Espírito Santo, um novo e vivo caminho estava pronto através do qual os homens podiam voltar a Deus.

O Espírito Santo transformou o grupo de discípulos fechados e presos a tradições passadas em um movimento aberto profético e missionário. Agora começa o tempo do Espírito. A partir desse dia o Espírito iria inspirar e conduzir a caminhada de todos os seguidores de Jesus.

Storniolo faz uma reflexão bem importante do que seria o projeto de Deus através do Espírito Santo para a vida do homem, através da fraternidade e da partilha:

> Fraternidade no que toca às decisões políticas que constroem a sociedade e dirigem o rumo da história. Todos têm o direito de participar dessas decisões. Partilha no que toca às decisões econômicas que repartem os dons de Deus que sustentam a vida. Todos têm direito de usufruir igualitariamente dos bens que Deus deu a todos (STORNIOLO, 2008, p.32).

Essa foi a visão que Jesus trouxe através de seus ensinamentos, que deve ser também a visão dos cristãos, que continuam com a palavra e ação do Mestre, precisam ter para defender o direito de todos, levar essa visão a todos os povos de que é possível através da fraternidade e da partilha usufruir a liberdade e vida plena que todos desejam.

Em todo o livro de Atos, os discípulos, missionários e apóstolos não são descritos como tristes e desanimados. Preocupados, sim, desorientados nunca, pois o Espírito sempre abria caminhos novos nas horas difíceis. Graças à presença ativa do Espírito Santo, as comunidades cresciam em número e temor de Deus (At 9,31).

A igreja do Novo Testamento iniciou com os “cento e vinte” que esperavam a vinda do Espírito Santo. Ao se manifestar, ele abriu as comportas, dirigindo-se aos judeus “ de todas as nações que há debaixo do céu” (At 2.5). Em todas as diferentes línguas dessas nações, o Espírito Santo apresenta a mensagem das maravilhas de Deus. A esses milhares de judeus que tinham vindo de inúmeros lugares, Deus acrescenta 3 mil à sua igreja. A verdade do Deus Eterno não está mais apenas em Jerusalém. A partir do dia de Pentecostes a igreja se torna universal (KISTEMAKER, 2006, p.119).

4 GLOSSOLALIA: UM DOM DO ESPÍRITO SANTO

Nas diversas formas de expressão da experiência religiosa, a glossolalia se apresenta como um tema atual e muito praticado entre os membros de igrejas pentecostais. É uma expressão súbita que envolve muita emoção.

Este capítulo fala da prática da glossolalia, presente nos cultos pentecostais, com a intenção de verificar a condição interior do coração daqueles que a praticam.

> No tocante ao nosso interesse em saber o que é religião, lembramos que aquilo que importa não é apenas o cumprimento de normas ou mandamentos, mas a condição interior do coração (CRAWFORD, 2002, p. 62).

Conforme estudado no segundo capítulo, o início da igreja de Jesus foi marcado pelo evento de Pentecostes na cidade de Jerusalém, o qual está narrado no Novo Testamento no livro de Atos 2, 1-13. O evento ocorreu com manifestações sobrenaturais e a glossolalia teve o papel mais importante.

A comunicação permitiria a universalização do evangelho de Jesus Cristo. Bouwman e Van Den Born comentam a glossolalia em Pentecostes como um despertar dinâmico permitindo um novo relacionamento entre Deus e os homens no qual compreende as diferenças de cada um:

> ... o milagre de Pentecostes pode ser interpretado como uma manifestação de glossolalia, como indica, por exemplo, a impressão que causou nos presentes (At 2,13) e a citação de Jl 3,1-5. O próprio S. Pedro identifica os fenômenos com os de Cesaréia (At 10,47; 11,15; 15,8). Já se começa a falar antes que o auditório esteja presente (2,4); só em 2,14 começa a alocução propriamente dita. S. Lucas vê no milagre um símbolo da universalidade do evangelho (2,5) que se adapta à natureza de cada um (2,8) (BOUWMAN, VAN DEN BORN, 1971, p. 643).

Depois do evento de Pentecostes o derramamento do Espírito Santo continua. Embora, o fenômeno tenha acontecido há dois mil anos, ainda é vivido nas igrejas pentecostais com intensidade.

O falar em “línguas estranhas” ou “dos anjos” no evento de Pentecostes é atribuído a manifestação do Espírito. Não é por vontade humana, acontece num momento de busca espiritual: “Todos estes, unânimes, perseveravam na oração” (At 1;14) e também de espera “Tendo-se completado o dia de

Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar" (At 2;1). Assim, no momento que o Espírito Santo se manifestou os discípulos e outras pessoas ali reunidas falaram em outras línguas.

> Conforme a narrativa de Lucas em At cap. 2, a outorga do Espírito em Jerusalém ligava-se com o "falar em outras línguas"; juntos, os discípulos proclamaram os grandiosos feitos de Deus (At 2:4,11), e, ao mesmo tempo, o Espírito levou muitos a entenderem no seu próprio idioma esta proclamação. Ainda que a tradição não nos tenha transmitido qualquer quadro totalmente claro dos eventos no Pentecoste, pelo menos deixa claro que o Espírito de Deus levou a efeito um ato excepcional de falar e ouvir o evangelho, o que teve como resultado a formação da comunidade original (HAARBECK, COENEN, 2000, p. 1509).

O mover do Espírito traz benefícios sobre a vida daqueles que são batizados ao ponto de ser perceptível até mesmo externamente que algo novo se fez. Conforme coloca Sanford, o que sentiu durante a experiência que possuiu:

> E a primeira coisa que nos aconteceu, depois que a sensação de chama em nossa cabeça se tornou perceptível, foi exatamente aquele aumento de força: a cura dos distúrbios que o excesso de tensão tinha produzido em nossos corpos, o alívio do peso que sentíamos em nosso coração, de modo que podíamos ser estimulados pela alegria do Senhor, que é a própria vida, os dons da sabedoria e entendimento que recebemos através da orientação e de uma integração de espírito, mente e corpo, de modo que tudo aquilo que fazíamos, podia ser feito com maior facilidade e em menos tempo (SANFORD, 1977, p.142).

Na citação acima não é mencionado o "falar em línguas", mas a manifestação do Espírito Santo que se torna fornecedor de uma nova percepção para aqueles que o recebem. E a glossolalia é um dom do Espírito. Portanto, todos que a praticam experimentam um mover dele dentro de si. E esse mover é capaz de trazer uma nova percepção para os que experimentam a unção do Espírito.

4.1 O DOM É PASSÍVEL DE CONTROLE PESSOAL

De acordo com DeGrandis "orar em línguas, portanto, é um dom permanente" (1988, p. 21). A pessoa que recebe esse dom o terá sempre.

Mas é necessário que o use com sabedoria, uma vez que não seja o local adequado, falar em línguas em voz alta pode causar estranheza e até chocar as pessoas que assistir, pois se é para edificação pessoal ou para revelação deve ter o momento e o ambiente próprio. Diante disso é possível controlar o dom. Como pondera o autor abaixo:

> Línguas é o discurso não-vernáculo do Espírito Santo que permanece sob o controle da pessoa. A pessoa sempre detém o controle. O mesmo vale para a profecia, visto que ela permanece sempre sob o controle de quem fala e pode ser "ligada" e "desligada" à vontade (DeGRANDIS, 1988, p. 20).

Quando a pessoa recebe esse dom de "falar em línguas" ela deseja viver aquilo que Deus deseja. Fazer a vontade de Deus se torna algo importante, pois estar dentro da vontade dele é poder continuar a receber o Espírito Santo e desfrutar de seus dons. "Mas o fruto do Espírito é mor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio" (Gl 5; 22).

> Por meio do dom das línguas, tornei-me mais sensível às iniciativas de Deus. A oração torna-se mais rica quando cedo ao Espírito Santo. A pregação é mais eficaz quando a faço derivar do poder do Espírito Santo. O ministério é mais produtivo, quando invoco o Espírito Santo. A edificação da comunidade torna-se mais importante para mim, quando sou receptivo ao Espírito Santo" (DOM McKINNEY, *apud*, DeGRANDIS, 1988, p. 22).

4.2 A EXPERIÊNCIA DA CONVERSÃO

Para o indivíduo receber o Espírito Santo e seus dons, há a necessidade de ter passado pelo processo de conversão. A conversão de uma pessoa pode acontecer de várias formas. Diversos fatores podem levar uma pessoa a mudar seu pensamento e estilo de vida e a partir daí ter uma nova visão de mundo.

> Estudos tipológicos muito úteis mostram que a conversão, apresentada pelos envolvidos como a experiência mais íntima e a mais privada que seja, é um ato social e socialmente determinado, cuja lógica depende tanto das disposições sociais e culturais dos convertidos quanto de seus interesses e aspirações (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 108).

Na experiência religiosa, a vida social e cultural do indivíduo o leva a buscar uma nova dimensão para sua existência. Fatores que causam incertezas, frustrações como por exemplo: a desestrutura familiar, separações conjugais, traições, filhos que não conhecem os pais legítimos, filhos ilegítimos, pais vivendo em concubinatos, instabilidade profissional que gera insegurança econômica, clima familiar adverso que deixa a impressão de abandono, de solidão, ausência de amigos, de confidentes e de conselheiros, geram uma necessidade de uma auto afirmação ou seja de uma descoberta de sua própria identidade. E isso a religião é capaz de atender. A partir desses fatores mencionados, compreende-se, então, o choque emocional de uma pessoa ao se deparar com a mensagem de salvação que o Evangelho propõe.

A mensagem de salvação garante uma transformação nas condições de vida ou pelo menos traz uma nova maneira de encarar os problemas e adversidades.

> A experiência de conversão traduz-se sempre por um sentimento físico e sensorial de transformação. Alguns falam de uma bola ou de um peso que saiu deles. A percepção do meio ambiente se modifica, e a pessoa sai do templo aliviada, liberada e algumas vezes debilitada até ao ponto de desmaiar (D'EPINAY, 1970, p. 100).

Ainda para concluir melhor a ideia e citando o mesmo autor, a conversão pode ser:

> A catarse espiritual é acompanhada de uma catarse social; à experiência maravilhosa da conversão, soma-se a integração no seio de uma comunidade. Quando se pergunta a um neófito de que ele mais gosta na sua igreja, responde quase com absoluta segurança: do companheirismo. O fato de estar rodeado, de ter amigos, irmãos espirituais, em uma palavra, o tomar parte de uma célula social. Ele, que vivia isolado, marginalizado, em uma sociedade brutal, sobre a qual não tinha ocasião nem meios de ação, vê-se abrangido no seio de uma igreja, é chamado de processo de integração do indivíduo à comunidade religiosa está a função social principal do pentecostalismo, sua função desalienante (D'EPINAY, 1970, p. 101).

Diante dessa constatação a conversão gera no indivíduo uma visão diferente da situação em que ele se encontra. E permite que ele venha

reordenar seu mundo interior. Essa integração religiosa acontece quando ele se identifica com a comunidade.

> A conversão religiosa, na medida em que inicia, ao mesmo tempo, uma reorganização global da vida do interessado segundo normas novas e sua incorporação em uma comunidade, também constitui uma modalidade notavelmente eficaz de construção de si em um universo onde se impõe a fluidez de identidades plurais e em que nenhum princípio central organiza mais a experiência individual e social (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.116).

4.3) A PRÁTICA GLOSSOLÁLICA

Hoje a prática glossolálica em cultos pentecostais é uma prática comum. Conhecida mais como o falar de “línguas estranhas” ou “língua dos anjos”. E é bem aceita por todos os participantes.

Qual o sentido que homens e mulheres, tomados pelo Espírito, falam as “línguas estranhas” ou “línguas dos anjos”? Por que são levados a balbuciar palavras misteriosas durante os cultos pentecostais? São experiências extáticas que acontecem no momento em que há a busca pelo indivíduo.

> O falar em língua, além de seu caráter espontâneo (ressaltado por Paulo), também se caracteriza por um padrão. A língua dos anjos lembra e recria o hebraico. Nessa característica de imitação e recriação de sons, que para o leitor moderno pode parecer um tanto ingênua, há uma provocação das mais significativas. A língua que pode descrever as *megalina theou* (“as grandezas de Deus”) e dizer as “coisas indizíveis” não é o grego ou o latim, as línguas faladas no centro da cultura e do poder do mundo mediterrâneo, mas uma língua angelical que se assemelha ao hebraico (NOGUEIRA, 2003, p. 72).

Acredita-se que existe uma ação do Espírito Santo possibilita o homem ou a mulher experimentarem uma renovação interior, capaz de redirecionar a vida e trazer um contentamento, uma satisfação que não depende das circunstâncias em que se encontram. Essa manifestação provoca uma mudança de pensamento, de visão da situação na qual estejam vivenciando.

> [...] Quando comecei a buscar, buscar, senti minha língua enrolar e não via do que falava [...] eu me sinto muito emocionada, sinto arrepiar, choro. Também glorifico. Isso é muito bom [...] tudo o que eu tiver de ruim durante o dia, à noite eu boto para fora. Aí eu saio da

> igreja outra pessoa (CÉSAR; SCHAULL *apud* QUADROS, 2005, p. 151).

A citação acima mostra uma manifestação glossolálica que a pessoa experimentou, numa dimensão que não é racional é como se algo sobrenatural acontecesse quando ela busca a presença divina, é como se outra pessoa falasse através dela mesma. Existe um sentimento de dependência de Deus o qual poderia resolver e transformar as coisas, pois ele age no impossível é assim que os fiéis crêm, entendendo que Deus pode agir em seu favor naquilo que para seus olhos humanos seja impossível. "Portanto, está na dimensão do sobrenatural. Os movimentos carismáticos e pentecostais enfatizam esse "deus dos milagres", "deus dos impossíveis" (QUADROS, 2005, p. 151).

O fenômeno da glossolalia é considerado uma forma audível do batismo do Espírito Santo. É uma experiência que surge no momento do culto quando o indivíduo é inspirado pelos cânticos e orações. A manifestação da glossolalia pode, também, tomar caráter profético, esse fenômeno é conduzido pelo pastor e alguns anciãos da igreja.

> Pouco a pouco, a atmosfera se aquece, o Espírito se manifesta e surgem dançadores inspirados. Seus vizinhos se afastam a fim de que ele tenha o espaço suficiente. Os inspirados cantam e dançam; a excitação aumenta. Em certas ocasiões, alguns caem ao chão e manifestam sintoma extático; outros são tomados de acesso de riso e de temor, ou de lágrimas [...] sobrevêm manifestações glossolálicas, balbuceios incoerentes e onomatopaicos, mas também construções mais elaboradas. A glossolália pode tomar caráter profético: então a "linguagem angélica" é interpretada, seja pelo próprio inspirado, seja por um "tradutor". (D'EPINAY, 1970, p. 106).

Essa manifestação do Espírito Santo acontece quando o indivíduo busca. Quando há o desejo de receber o batismo do Espírito, a pessoa deve se esforçar e assim autorizar que haja esse mover do Espírito em seu ser. Por que o Espírito não se manifesta sem que haja um interesse por ele, por parte da pessoa. É uma experiência profundamente marcante no indivíduo que a recebe. Uma descrição que Damboriena (*apud* D'EPINAY, 1970, p. 293-294) faz mostrar o intensidade desse mover do Espírito:

> O candidato, antes de receber o espírito, deve esforçar-se na oração, golpear-se em voz alta e pedir aos gritos sua conversão. Aquele subir e baixar de vozes humanas ritmado, assim como as exortações do

> pregador, vão aquecendo os ânimos. Contagia-se ao ver outros irmãos que, ao seu lado, se aproxima do transe. Até que, num determinado momento, esgotadas as suas forças físicas e através de um paroxismo nervoso, cai ao solo (é arrebatado, segundo a linguagem pentecostal) e começa a lançar borbotões de saliva ou a pronunciar frases ininteligíveis ou – num ato supremo de possessão – a revolver-se no solo com os olhos abertos para o infinito. "o irmão foi acolhido pelo espírito" – exclamam alguns. "Glória a Deus. Aleluia! Glória, glória" – respondem todos, enquanto se aproximam fazendo um círculo à sua volta. Chegam os anciãos e lhe impõem as mãos enquanto os demais continuam entoando aleluias. Quando desperta, é um ser transformado. Vêem as lágrimas, os abraços e as felicitações..." (DAMBORIENA, *apud* D'EPINAY, 1970, p. 293-294).

Os fenômenos do tipo glossolálico que se observam geralmente são suspiros, gemidos e diversos ruídos. Visões e profecias sobrevêm em alguns casos. Se o indivíduo ainda não havia falado em línguas, nesse momento será considerado batizado com o Espírito. A movimentação corporal é parte notória durante o mover do Espírito. A dança, a música, a oração compõem um cenário movimentado e envolve muita emoção.

> Uma forma frequente de glossolália ocorre durante os cânticos ou períodos musicais. Nestes casos, o Espírito se manifesta por meio da dança. Indivíduos, as vezes grupos inteiros, começam a gesticular, a saltar no lugar onde se encontram, agitados por tiques nervosos. Alguns tipos de dança podem ser reconhecidos. Os homens, geralmente, não fazem mais que saltar onde estão, girando lentamente sobre si mesmos. As mulheres – e esta é, segundo testemunho dos anciãos, a primeira forma de dança inspirada – estendem os braços e dão grandes voltas [...] Ou durante a dança, ou no solo, esgotado, o inspirado grita aleluia! Glória! E começa a balbuciar (D'EPINAY, 1970, p. 295).

Nesses momentos o pastor também participa falando em meio aos sermões "línguas angélicas". Ele pode receber mensagens e ou profecias e interpretá-las.

A glossolalia não está centrada em trazer mensagens ou profecias divinas, mas como escreve o autor abaixo, é um tipo de linguagem que fala mais por sim mesma, edificando que a pratica mais do que quem apenas a escuta.

> A experiência do culto, vivida tão intensamente, exige formas de expressão, a fim de que o fiel possa manifestar sua alegria e a plenitude de sua participação. A linguagem cotidiana que o fiel aprendeu, e que maneja com dificuldade, não lhe permite expressar o que sente, embora tenha necessidade de expressá-lo. Daí a dança, os gritos, os suspiros e, também a glossolália (D'EPINAY, 1970, p. 297).

O que parece é que há uma necessidade de expressão coletiva e que reprimir não é aconselhável, diante da liberação terapêutica que fornece em caráter coletivo (WILSON, *apud* D'EPINAY, 1970, p. 297).

Também nesse sentido, Sherrill (*apud* D'EPINAY, 1970, p. 297) interpreta a glossolalia como " a linguagem intelegível não basta à oração e há coisas que só o silêncio ou a glossolalia podem expressar".

Para Kesley (apud D'EPINAY, 1970, p. 296) "o falar em línguas parece ser a expressão da alma coletiva, este fenômeno desempenha para certas pessoas – não apenas pessoas primitivas e incultas – uma função saneadora, semelhante à do sonho [...]".

Hervieu-Léger relata uma experiência com o batismo do Espírito Santo, e a emoção é profunda. Durante uma reunião na qual a Bíblia é lida no Evangelho onde Jesus diz que o Reino dos Céus pertence às crianças (Lc 18, 17) no primeiro momento uma tristeza invade a pessoa, como se ela reconhecesse o próprio erro, em seguida uma manifestação de alegria a invade, acontecendo assim o batismo com o Espírito e também em seguida um sentimento de contentamento. Conforme descrito abaixo:

> [...] Ouvi uma voz em meus ouvidos, citando o Evangelho, e me pareceu ouvir pela primeira vez: "O reino dos céus pertence às crianças..." E depois uma pausa... "e aqueles que, como eles". Minha boca está cheia de amargura, dor comprimindo meu coração. Eu estava convencido do pecado, e particularmente do orgulho intelectual, imediatamente comecei a chorar, ferido por ter ofendido a Deus, cuja intimidade nova me confunde. Esta amargura transformou em doçura, alegria e dor, meus lábios estavam se movendo por conta própria, uma canção subiu da minha boca que eu não entendia. Então eu percebi que as centenas de pessoa que cantavam uma polifonia extraordinária. O Espírito Santo desceu sobre toda a assembleia. A canção se transformou em dança. O pastor, literalmente, pulou como uma criança na companhia de Chanterelle. Eu experimentei a felicidade, imensa, felicidade que é prometida aos crentes. Tudo parecia novo aos meus olhos, meu coração era novo. Sim, a minha felicidade foi imensa (CHAMPION, HERVIEU-LÉGER, 1990, p.217-218) (a tradução é minha).

Essa citação conta a experiência de conversão de um indivíduo o qual se depara com uma força sobrenatural, que em palavras não se pode entender claramente. Mas acontece, flui. Um choque entre a razão e a emoção é sentido pela pessoa. Suas emoções misturam, arrependimento, choro, alegria, vem juntos e provocam o êxtase, sons diferentes começam a ser pronunciados. O

chamado no meio pentecostal de “línguas estranhas” ou “línguas dos anjos”. Acompanha também uma linguagem corporal como a dança, o levantar das mãos, o bater das palmas. A pessoa, a partir dessa experiência, tem uma nova visão de mundo em relação a sua própria vida.

> [...] a experiência física súbita desta presença sentida além de toda razão, lágrimas, dificuldades e contrição que se abre para a alegria e felicidade. Esta passagem “do mais escuro para a luz brilhante”, que se transforma para sempre e, de “a angústia mais intolerável no mais estável e a felicidade mais profunda” repentina trouxe o convertido “a alegria delirante da experiência” (CHAMPION, HERVIEU-LÉGER, 1990, p.217-218) (a tradução é minha).

Diante dessas citações observa-se que após o batismo com o Espírito Santo é impossível a pessoa continuar sendo a mesma. Algo novo acontece em seu comportamento. Uma experiência que envolve a pessoa em todo o seu ser. Um dinamismo desperta a alma cansada e sem esperanças diante dos problemas cotidianos.

O Espírito Santo chega na vida da pessoa e tem a capacidade de moldar o caráter, de produzir a esperança e desenvolver uma visão de um futuro melhor para sua vida. São tantos benefícios que a olhos vistos a pessoa se transforma. E começa a ter uma atitude pacífica em relação à vida. O Espírito, também, produz um propósito firme. É como se a partir do batismo a pessoa que ora se encontrava sem rumo e confusa com seus dilemas passasse a ter um norte, uma certeza de estar trilhando seu caminho na direção certa.

A experiência glossolálica traz para o indivíduo que a recebe, um sentimento de contentamento. Acredita-se, então, que é possível ao homem ou à mulher experimentarem uma renovação interior capaz de transformar a própria vida.

4.4 O INÍCIO DO MOVIMENTO PENTECOSTALISTA

O início do pentecostalismo começou com Charles Fox Parham, um pastor metodista que foi influenciado por um movimento “A partir da década de 1830, a crescente insistência na perfeição cristã resultou em uma cruzada ou avivamento da “santidade” (em inglês *holiness*)” (MATOS, s/d, p. 5) no qual a

glossolalia veio a ser buscada e experimentada, como indício do batismo com o Espírito Santo.

> No ano de 1900, um pregador metodista influenciado pelo movimento de santidade, Charles Fox Parham (1873-1929), criou um instituto bíblico na cidade de Topeka, Estado do Kansas, na região central dos Estados Unidos. Há cerca de dez anos ele vinha ensinando que a glossolalia – falar em línguas desconhecidas ou estrangeiras – devia acompanhar esse batismo no Espírito Santo tão popular nos círculos *holiness*. Por algum tempo, ele chegou a acreditar que os crentes receberiam o conhecimento sobrenatural de línguas terrenas para que pudessem rapidamente evangelizar o mundo antes da volta de Cristo. Já havia ocorrido a manifestação de línguas em anos anteriores nos Estados Unidos, assim como em outros períodos da história do cristianismo. A novidade na teologia de Parham é que ele foi o primeiro a considerar o "falar em línguas" como a evidência inicial do batismo no Espírito Santo. Foi essa característica que se tornou a marca distintiva do movimento pentecostal. (MATOS, 2006, p.30).

O desejo de voltar a viver o que a comunidade primitiva narrada no livro de Atos dos Apóstolos viveu, com a presença intensa do Espírito Santo e o sentimento profundo de fraternidade que envolvia a todos, Parham contribuiu significativamente para que o pentecostalismo se firmasse em valores, dons e poder do Espírito Santo:

> O movimento de Parham recebeu diferentes nomes – fé apostólica, movimento pentecostal ou chuva tardia – todos os quais apontavam para características marcantes da nova cosmovisão. Uma das idéias centrais era o que se denomina "repristinação" ou restauracionismo, isto é, o desejo de voltar aos dias iniciais do cristianismo, aos primeiros tempos da igreja primitiva, idealizados como uma época de maior fervor e plenitude cristã. Associada a isso estava a nova linguagem que dava ênfase ao poder do Espírito, conforme manifesto entre os apóstolos através de sinais e maravilhas. Essa linguagem passou a ser uma distinção importante entre os dois movimentos: enquanto a tradição *holiness* dava maior destaque à santidade ou santificação, o movimento pentecostal passou a privilegiar o conceito de poder (MATOS, 2006, p.31)

4.4.1 O avivamento na Rua Azuza: um marco para o Pentecostalismo atual

A era moderna do movimento pentecostal foi iniciada com um pastor evangélico americano, negro, William Joseph Seymour, foi ele que iniciou o movimento religioso denominado de Pentecostalismo, uma referência à manifestação do batismo com o Espírito Santo relatado no livro de Atos no

capítulo dois. Esse processo de avivamento decorreu de 1906 a 1909. Os cultos promovidos por esse pastor eram barulhentos, com muito canto, dança, gritos e “línguas estranhas”. Um êxtase que repercutia nos jornais da época tornando a Rua Azuza muito conhecida, pois nela estava localizada a igreja. Foi assim, que o movimento pentecostal voltou. Primeiro, nas igrejas evangélicas, depois na Igreja Católica na Renovação Carismática por volta dos anos 60.

> O movimento pentecostal começou a ser mais divulgado graças ao jornal Apostolic Faith (da Missão Azuza), que falava sobre o avivamento, e também pelas notícias nos jornais seculares de 1906. Muitas pessoas, em busca de experimentar o batismo com o Espírito Santo, participaram das reuniões pentecostais e se aventuraram em missões ao redor do mundo a fim de divulgar essa nova mensagem. Depois disso, o pentecostalismo se espalhou pelo mundo...(CARVALHAES, 2010, p. 46).

As reuniões na Rua Azuza foram surpreendentes, até pessoas que iam para observar eram convencidas e impregnadas pelo mover do Espírito. As manifestações glossolálicas eram comuns, o batismo do Espírito Santo era notório pelas movimentações durante o culto. As pessoas tinham a liberdade para se manifestarem conforme desejassem, não havia a preocupação com o horário para o término do culto.

> As reuniões eram eletrizantes e barulhentas. Começavam às 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada seguinte. Não havia hinários, liturgia ou ordem de culto. Os homens gritavam e saltavam através do salão; as mulheres dançavam e cantavam. Algumas pessoas entravam em transe e caíam prostradas. Até setembro, 13.000 pessoas passaram pelo local e ouviram a nova mensagem pentecostal. Um bom número de pastores respeitáveis foi investigar o que estava ocorrendo e muitos deles acabaram se rendendo ao que presenciaram (MATOS, 2006, p.32).

Existia uma integração impressionante, pois no início do século XX o preconceito racial era fortíssimo nos Estados Unidos, nessa igreja junto com o fenômeno pentecostal essa barreira, conforme a citação acima, pôde ser quebrada. Não houve manifestações, protestos, guerras, ou qualquer evento que obrigassem o respeito e aceitação entre as pessoas diferentes, mas, no entanto, apenas com a pregação do evangelho de Jesus Cristo como uma

novidade de vida, para os que acreditassem e seguissem uma nova ordem de igualdade e fraternidade “o Evangelho, cujo centro é o amor de Deus que reúne os homens, provocando relação de entendimento” (Bíblia Pastoral, 1990, p. 1327), surgia assim, nesse ambiente multicultural, o desejo de estar em comunhão uns com os outros.

> Uma característica marcante dessas primeiras reuniões foi o seu caráter multi-racial, com a participação de negros, brancos, hispanos, asiáticos e imigrantes europeus. A liderança era dividida entre negros e brancos, homens e mulheres. Um artigo do jornal *A Fé Apostólica*, fundado por Seymour, dizia no número de novembro de 1906: “Nenhum instrumento que Deus possa usar é rejeitado por motivo de cor, vestuário ou falta de cultura”. Outro artigo informava que em um culto de comunhão que durou toda a noite havia pessoas de mais de vinte nacionalidades. Uma frase comum na época dizia que “a linha divisória da cor havia sido lavada pelo sangue”. Diante da longa e terrível história de racismo e segregação nos Estados Unidos, esse fato só podia deixar encantados os participantes e observadores do avivamento, que viam nisso mais uma prova de que o movimento vinha de Deus (MATOS, 2006, p.32-33).

Todavia, mesmo sendo uma experiência espetacular, cheia de manifestações glossolálicas e outros dons do Espírito Santo, muitos problemas havia para o Pr. Seymour enfrentar, como por exemplo o número grande de pessoas que visitavam a igreja condenando todo o acontecimento, além dos jornais que estavam sempre relatando com críticas e também outros líderes eclesiásticos que não aceitavam (MATOS, 2006, p. 33). Seymour morreu em 1922, a missão entrou em declínio, e as portas da igreja foram fechadas. Entretanto, o movimento não morreu e tomou grandes proporções. Um novo começo para a igreja. Foi colocada uma placa próximo ao local histórico com os seguintes dizeres:

> Missão da Rua Azuza – Esta placa comemora o local da Missão da Rua Azuza, que estava localizada na Rua Azuza 312. Formalmente conhecida como Missão da Fé Apostólica, ela serviu como nascedouro do Movimento Pentecostal internacional de 1906 a 1931. O pastor William J. Seymour superintendeu o “Avivamento da Rua Azuza”. Ele pregou uma mensagem de salvação, santidade e poder, recebeu visitantes de todo o mundo, transformou a congregação em um centro multicultural de adoração e comissionou pastores, evangelistas e missionários para levaram ao mundo a mensagem do Pentecoste (Atos 2.1-41). Hoje os membros da Movimento Pentecostal/Carismático totalizam meio bilhão ao redor do mundo. Fevereiro de 1999 – Comissão Memorial da Rua Azuza (In: MATOS, 2006, p. 33).

4.5 UM NOVO PENTECOSTES

Nos dias atuais os cultos nas igrejas Pentecostais têm a figura do Pastor na frente dos trabalhos. O dia de dedicação a Deus é o domingo, no entanto, durante a semana uma diversidade de cultos são dirigidos à comunidade, com certas especificidades como Culto da Família, de Prosperidade, de Cura, de Libertação entre outros. Toda essa criatividade e diversidade de atividades na igreja é importante para que o fiel esteja sempre ligado.

Durante o culto a emoção é fortemente ampliada pela música. As canções são em ritmos variados e envolventes. “Uma emoção profunda acompanha todo o processo. Emergem da forma ambígua choro e alegria.” (QUADROS, 2005, p. 151).

Os fiéis participam do culto com toda emotividade cantando, com palmas, e movimentando o corpo. Ocorre pronúncia de palavras incompreensíveis, as pessoas falam ao mesmo tempo. O pastor incentiva os fiéis a continuar pronunciando essas palavras. No momento que o sermão é ministrado as pessoas estão integradas nessa emoção e se manifestam orando alto, falando em línguas estranhas, um êxtase. É um momento sagrado e individualmente demonstram a emoção com um sentimento de fé.

> Para os participantes a percepção do sagrado é descomplicada, pois segundo o fundamento pentecostal trata-se de uma graça concedida pelo Espírito Santo através dos carismas e estes são manifestados em todos os cultos sem distinção (CARVALHAES, 2010, p. 49).

Todo culto pentecostal contém adoração de abertura, louvores e adoração, testemunhos, boas-vindas aos visitantes, solicitação de dízimos e ofertas, pregação da Bíblia e oração de despedida. A média de duração de um culto é de cerca de duas horas.

Durante a leitura da Bíblia o momento é de reverência. Pois acredita-se que Deus agirá através do Espírito Santo e revelará na palavra aquilo que os fiéis necessitam ouvir. Armstrong pondera sobre as escrituras e o mistério que ela mantém ao afirmar que Exegetas perceberam que “A Bíblia “provava” ser sagrada porque as pessoas descobriam continuamente novos meios de interpretá-la” (ARMSTRONG, 2007, p. 11).

A leitura da Bíblia nos cultos, em estudos bíblicos, em qualquer reunião ou mesmo de forma individual é momento que exige atenção e reflexão pois sempre traz uma revelação divina. Ainda citando Armstrong que escreve: “Quando as pessoas liam a Bíblia de maneira receptiva e intuitiva, descobriam que ela lhes dava sugestões de transcendência” (ARMSTRONG, 2007, p. 12).

Portanto, em culto pentecostal existe todo um ritual para que a manifestação do Espírito Santo flua e os fiéis se sintam tocados por uma transcendência envolvente que os capacita para superar todos os obstáculos surgidos pelo caminho.

4.6 A MODERNIDADE RELIGIOSA

Embora as pessoas e a sociedade se modernizem, a religião e suas práticas se repetem através dos anos. Alguns rituais vão tomando formas diferentes para acompanhar as mudanças que ocorrem, porém, a essência é a mesma. Com a globalização e tantas mudanças o indivíduo tornou-se autônomo. Na atualidade ele escolhe e define seu modo de crer: “Os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha, “cada qual retendo para si as práticas e crenças que lhe convêm” (DOBBELAERE, K & VOYÉ, *apud* HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 43).

Nas sociedades modernas já não existe mais o sistema tradicional de valores ditados pelas religiões, mas existe de forma acentuada a exigência de uma autonomia do indivíduo (CRAWFORD, 2002, p. 63).

Na modernidade muitos valores e conceitos se perderam e a pessoa precisa se construir e adquirir uma identidade própria que lhe permita fazer escolhas com capacidade e sabedoria não seguindo os princípios de orientação do passado. Afirma Bauman:

> São as incertezas concentradas na identidade individual, em sua construção nunca completa e em seu sempre tentado desmantelamento com o fim de reconstruir-se, que assombram os homens e mulheres modernas[...] Está tudo ao redor, saliente e tangível, tudo sobressaindo demais nas habilidades rapidamente envelhecedoras e abruptamente desvalorizadas, em laços humanos assumidos até segunda ordem, em empregos que podem ser subtraídos sem qualquer aviso, e nos sempre novos atrativos da festa do consumidor, cada um prometendo tipos de felicidade não

> experimentados, enquanto apagam o brilho dos já experimentados (BAUMAN, 1988, p.221).

A Sociologia tenta discernir os mistérios que envolvem o indivíduo à religião; ela examina as múltiplas relações entre religião e fenômenos sociais. O sentido que a religião fornece é fundamental para o equilíbrio da vida em comunidade. Os problemas advindos dessa integração são resolvidos dentro de uma perspectiva visando o bem comum. Entretanto, não é uma tarefa fácil, pois a religião atua no indivíduo desde seu nascimento. Durante toda sua vida os valores e crenças impregnam seu ser e não há como fazer uma cisão e torná-los diferente daquilo em que ele acredita.

> Quem estudar as implicações sociológicas da religião cometerá o mesmo erro se imaginar que a sua obra será capaz de revelar a natureza e a essência da própria religião (WACH, 1990, p. 15).

Talvez os cientistas não estejam realmente certos ainda, quanto à definição da religião. No entanto, tentam compreender as diversas formas de expressão da experiência religiosa e, sua contribuição para a sociedade atual. Mas a experiência religiosa e suas formas de expressão continuam a fazer parte do indivíduo moderno, dando um significado para sua existência. A sociedade necessita desse equilíbrio que a religião e suas práticas e expressões oferecem.

> Muita coisa já foi escrita sobre a relação entre crença e prática na religião. A expressão cultual (prática) da experiência religiosa precede a expressão teórica, ou os elementos doutrinais são os que determinam as formas nas quais o culto será realizado? Quais são as relações respectiva entre mito e rito, doutrina e culto, teologia e adoração? A interpretação mais plausível parece ser a que considera tanto a expressão teórica como a prática como estando inextricavelmente entrelaçadas e a que desaprova qualquer esforço de atribuir prioridade seja a uma, seja a outra. Nenhum ato de adoração pode existir sem alguma concepção do divino, nem uma religião pode funcionar sem pelo menos uma quantidade módica de expressão cultual (WACH, 1990, p. 31-32)

A experiência da glossolalia está dentro de um contexto teórico e prático, não pode ser negada como uma concepção do divino pois o ato de adoração ao receber esse dom do Espírito Santo é vivenciado por pessoas de diversas

nacionalidades. Manifesta-se independente da cultura e classe que o indivíduo possui.

Crawford pondera sobre as diferentes visões sobre o efeito da modernidade no campo religioso:

> Mas a religião tem sua maneira de revitalizar-se e surpreender os que pensavam que a modernidade iria entregá-la a uma morte prematura. Vimos como os adeptos das diversas religiões se esforçam para conseguir mais união entre si e discutem maneiras de causar impacto social no mundo e este ecumenismo provavelmente irá continuar. Não é provável que se chegue a acordos doutrinários, mas um trabalho conjunto baseado numa comum preocupação ética com os pobres e com o Terceiro Mundo em particular seria uma boa meta a perseguir. Os modernos meios de comunicação, o computador e a Internet estão sendo usados pelas religiões para fomentar *revivals*, evangelismo etc. em todo o mundo, sendo que muitas crenças criaram seus próprios sites na rede (CRAWFORD, 2005, p. 222).

A religião evoluiu com a modernidade e descobriu maneiras de se ajustar ao padrão moderno, sem perder seus valores e ser o alicerce que a sociedade necessita para se firmar. Não ficou primitiva, mas acompanhou de forma surpreendente o papel a ela destinado. Nos dias atuais existe um amplo leque de crenças e movimentos religiosos em oferta, quem toma a decisão é exclusivamente o indivíduo autônomo que é capaz de se autoafirmar e escolher a qual caminho pertencer.

4.6.1 A religião e a globalização

Com a globalização surgiram fenômenos interessantes, qualquer pessoa, nos dias atuais, já se deparou com um número infinito de informações a respeito de tudo que está a sua volta, e fica evidente que tenha se deparado com inúmeras culturas diferentes de sua origem, ampliado suas fronteiras, se tornado um consumidor mundial capaz de se inteirar em apenas alguns segundos com o que o resto do mundo está vivenciando, tudo isso é possível através dos meios de comunicação que no século XXI se expandiram de uma forma nunca antes imaginada.

A religião também se torna globalizada e a falta de fronteiras é sua característica forte. A globalização abre possibilidades de consumo de produtos e serviços de todas as origens, a globalização aposta na diversidade e na

diversificação (PRANDI, 1997, p. 66). “A religião, antes fundava-se na transmissão da cultura, e da religião, através da oralidade, do contato face a face e do segredo iniciático” (PRANDI, 1997, p. 69). Agora as pessoas possuem uma nova forma de exercer sua espiritualidade, sem perder o ritmo das coisas mas fazendo parte de um contexto moderno as práticas religiosas podem ter formas simples e controladas, com praticidade.

> E, no mundo atual, nem é mais preciso ir ao templo; basta ligar a televisão e sintonizar um dos inúmeros canais acessíveis pelas antenas convencionais agora multiplicadas pelas antenas parabólicas e conexões por cabo, ou então ligar o computador e navegar até um site da Internet [...] (PRANDI, 1997, p. 69).

No entanto, esse modelo de vida ainda não traz para o ser humano um contentamento. A necessidade de contato humano, de proximidade ainda persiste. Viver em comunidade é um desejo profundo de qualquer ser humano porque ela é capaz de fornecer um aconchego, uma segurança. Bauman escreve de forma interessante sobre isso:

> As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere um coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ ter uma comunidade”, “estar em uma comunidade”. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má companhia”. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade – o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa (BAUMAN, 2003, p. 7).

Esse desejo do ser humano de viver em comunidade lhe é inerente. Logo mais à frente Bauman fala dos problemas de se viver em comunidade. Tanto que na introdução de seu livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual,* ele coloca o título “bem-vindos à esquiva comunidade”. Ou seja, a tão sonhada comunidade que produz a segurança e o aconchego está longe da realidade. Mas vive-se nela, assim mesmo, com insegurança e em meio a injustiças. A “comunidade de interesse” vivida hoje, proporciona instabilidade, medo. Bauman menciona isso de forma bem coerente:

> A proximidade já não garante a intensidade da interação; e o que é mais grave, não se pode confiar na duração de qualquer interação que surja na base da proximidade, e inscrever as expectativas de uma vida individual na perspectiva de sua longevidade já não é um passo óbvio ou sensato. Na ausência de uma base comunitária para as comparações, a "privação relativa" perde muito de seu sentido e muito do papel que desempenhou na avaliação do status e na escolha de uma estratégia de vida. Acima de tudo, sobrou pouco de sua outrora poderosa capacidade de geração de comunidade. A percepção da injustiça e das queixas que ela faz surgir, como tantas outras coisas nestes tempos de desengajamento que definem o estágio "líquido" da modernidade, passou por um processo de individualização. Supõe-se que os problemas sejam sofridos e enfrentados solitariamente e são especialmente inadequados à agregação numa comunidade de interesses à procura de soluções coletivas para problemas individuais (BAUMAN, 2003, p. 79).

Talvez isso explique porque o indivíduo deve se impor, construindo sua identidade, sem medo e ser um sujeito autônomo capaz de fazer suas próprias escolhas. Ainda com todos os dissabores ocorridos em meio a comunidade, é nela que surge a força para enfrentar os desafios. É ainda nela mesma que é possível encontrar um refúgio e uma percepção de que a vida precisa seguir seu curso normal vivendo com interação e em grupo.

> Somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor de seu destino por si mesmo. Há tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente. O que quer que nos separe e nos leve a manter distância dos outros, a estabelecer limites e construir barricadas, torna a administração dessas tarefas ainda mais difícil. Todos precisamos ganhar controle sobre as condições sob as quais enfrentamos os desafios da vida – mas para a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente (BAUMAN, 2003, p. 134).

Embora, numa época em que tudo se globalizou, e parece que as coisas se fragmentaram, nada parece ser mais confiável, pois tudo muda e transforma muito rápido. A ideia de Bauman sobre a liquidez, sugere uma percepção de que não há nada sólido mais. Os valores, as interações estão muito fracas e não são confiáveis.

A experiência pentecostal, afirmamos, é capaz de fornecer uma sensação de identidade própria, um sentimento de partilha, de se pertencer a uma comunidade. A religião ainda defende valores esquecidos, como fidelidade, respeito, honestidade entre outros. A glossolalia como prática religiosa, está inserida nesse contexto de fé, amor, companheirismo, mesmo

não sendo algo totalmente compreensível ela promove um sentimento de comunhão e firma a comunidade religiosa.

4.7 A HUMANIZAÇÃO DA VIDA COMUNITÁRIA

A vida se desenvolve, portanto, num contexto de liberdade, em que a maturidade acontece num envolvimento e integração da pessoa com outros seres humanos e que se abrem a novas experiências e contatos. O ser humano começa realmente a viver quando se dispõe a aceitar elementos de sua condição de ser humano, deve reconhecer que os problemas e lutas podem gerar oportunidades de crescimento e reconhecimento da real estrutura da vida. Que é possível triunfar sobre as intempéries da vida humana.

> Esta experiência da vida humana como resposta a uma Realidade que se manifesta como pessoal e benéfica, que convoca o homem a participar numa luta pela emancipação da humanidade, pode ter profundas repercussões na vida política. Aumenta certas tensões inevitáveis na vida do homem na sociedade; ao mesmo tempo permite uma certa transcendência destas tensões numa nova qualidade de vida que sugere, ao mesmo tempo, uma nova visão da vida comunitária (SHAULL, 1966, p.70).

Ainda citando Shaull que acredita numa evolução de comportamentos e pensamentos que sejam capazes de defender a vida em comunidade acrescenta com sabedoria:

> Para a teologia cristã, a Igreja não é uma instituição religiosa, mas este povo, convocado para este fim. Infelizmente, a Igreja, que tem sido portadora desta herança e que tem cumprido esta missão no passado, poucos sinais dá hoje de estar cumprindo esta função. Nesta situação, seria um ato de irresponsabilidade não reconhecer este problema. Ao mesmo tempo, a experiência do passado, e até a nossa experiência anterior, leva-nos a reconhecer a importância e necessidade desta comunidade. E na medida em que nossa vida representa uma resposta a uma realidade transcendente, temos a liberdade de participar na formação de comunidades que poderão cumprir esta missão na nova situação histórica em que nos encontramos (SHAULL, 1966, p. 71).

O estudo desse trabalho está centrado na glossolalia como fundamento comunitário e ao mesmo tempo a sua prática pode oferecer perspectivas de renovação interior para os que a recebem. A glossolalia se manifesta em

ambientes onde a comunidade religiosa está reunida. Provavelmente não por acaso, mas pela razão que o mover do Espírito, para os que crêem, ensina que é em comunidade que uma nova ordem social pode surgir e, assim, ser capaz de mudar o curso da história dos homens. Deste modo, poderia emergir uma sociedade mais humana e comprometida, sem as diferenças de classe, cor, credo e outras tantas que existe.

CONCLUSÃO

A comunicação foi estabelecida como o principal agente para levar a nova fé a outros povos. A linguagem é a base das relações sociais (DAMIÃO, 2010, p. 2). Nessa perspectiva, entendemos que em Pentecostes durante a manifestação do Espírito Santo, quando simbolicamente a língua (órgão) foi usada, certamente, era uma alusão de que através da linguagem a comunicação seria feita a todos os povos. Sendo a comunicação o entendimento, uma constante do ser humano, a comunicação no decorrer da história do homem ultrapassou todas as expectativas.

Atualmente a comunicação humana se tornou mais sofisticada e demanda uma força enorme que alcança vários campos diferentes: a comunicação em pequena escala e a comunicação de massa. O ser humano aprendeu a lidar com toda a tecnologia para auxiliar e tornar potente o processo de produzir, enviar e receber mensagens e informações de todas as espécies. E as Escrituras estão sendo divulgadas em todas as formas dessa nova comunicação tecnológica.

O evento de Pentecostes como fenômeno religioso foi apresentado como um divisor de águas na história do Cristianismo. O batismo com o Espírito Santo preparou os discípulos e mais algumas pessoas que estavam naquele lugar esperando a profecia se cumprir. Preparou porque vimos que a intrepidez e ousadia com que eles agiram não foi algo deles, porém, algo sobrenatural se manifestou e homens simples galileus experimentaram o mover do Sagrado em seu próprio ser.

A glossolalia é edificante e promove bem estar para os que a recebem. Faz parte, intensamente, dos cultos em igrejas pentecostais. A conversão se dá geralmente antes e, em seguida, conforme o consentimento da pessoa e seu desejo de buscas, sente-se a presença do divino em seu ser. É quando, conforme os relatos, o dom da glossolalia se manifesta.

Diante de uma sociedade moderna e com tantas mudanças que aconteceram da época do evento de Pentecostes em Jerusalém e até hoje,

percebe-se claramente, que os dons do Espírito continuam se manifestando, e contribuindo de forma positiva para aqueles que os recebem.

Viver em comunidade é o ideal para a vida do ser humano, e a glossolalia como experiência religiosa traz uma grande contribuição para que essa vivência em grupo se torne harmoniosa.

Ainda é a religião, com todos os seus valores, muitas vezes criticada e não entendida por muitos cientistas, que mantém um papel importante para o equilíbrio da vida humana.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA: *Antigo e Novo Testamento*. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. 2. Ed. Ver. Atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

A BÍBLIA SAGRADA. *Edição Pastoral*. Tradução, introduções e notas: Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à Linguística*: domínios e fronteiras, v.1, 6 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia*: uma biografia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Editora HUCITEC ANNABLUME, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado:* elementos para uma teoria sociológica da religião. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nova edição, revista e ampliada*. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA: *Nova Versão Internacional, NVI*. 1ª Ed. São Paulo: Bíblica Brasil, 2000.

BOUWMAN. *Glossolalia*. VAN DEN BORN, A. (Organizador). Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1971.

CAZANEUVE, *Jean. Sociologia do rito*. São Paulo: Editora: Rés. 1985.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 1988. Vol. I: 1-12.

CRAWFORD, Robert. *O que é religião*. Petrópolis: Vozes, 2005.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa:* uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

DAMIÃO, Regina Toledo; HENRIQUES, Antonio. 11ª. Ed. *Curso de Português Jurídico*. Antonio Henriques. São Paulo: Atlas, 2010.

D'EPINAY, Christian Lalive. *O Refúgio das Massas.* Estudo Sociológico do Protestantismo Chileno. Tradução de Waldo A. Cesar. Rio de Janeiro Editora Paz e Terra, Rio 1970.

DeGRANDIS, Robert S.S.J. *O dom das línguas*. Edições Loyola, São Paulo, 1988.

DÍEZ, Felicíssimo Martínez. *Teologia da Comunicação*. Traduzido por Rodrigo Contreta. São Paulo: Paulinas, 1997.

DUBOIS, Jean et all. *Dicionário de Linguística*. Traduzido por Izidoro Bliksteinetall. São Paulo: Cultrix, 2011.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Joel Antonio. *Paulo, Jesus e os Marginalizados*: Leitura conflitual do novo testamenteo. Goiânia: Ed. Da UCG, Ed. América, 2009.

_____. *Jesus na origem do cristianismo*: os vários grupos que iniciaram o cristianismo. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2012.

GUTIERREZ, Gustavo. *A densidade do presente*. São Paulo: Loyola, 2008.

HAARBECK, H.; COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Palavra, Língua, Declaração.* Dicionário Internacional de Teologia do NT. Vol. II. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*: a religião em movimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KASPER, W*. El Dios de Jesu Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1990.

KÜRZINGER, Josef. *Atos dos Apóstolos*. Traduzido por Irene e José Kloh Filho. Petrópolis: Vozes, 1971.

LEMOS, Carolina Teles. *Religião e Sociedade:* A eterna busca de sentido. O sagrado e as construções de mundo. Goiânia: Ed. PUC Goiás; Brasília: Editora Universa, 2004.

MACEDO, Cármem Cinira. *Imagem do eterno:* religiões do Brasil. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

MAINVILLE, Odette*. Escritos e ambiente do Novo Testamento:* uma Introdução / Odette Mainville, (org.); Tradução de Lúcia MathildeEndlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARSHALL, I. Howard, *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Editoras: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova e Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1982.

MARTINI, Carlo M. *Atti Degli Apostoli*. Sesta edizione. Roma: Edizioni Paoline, 1982.

MATOS, Alderi Souza. *O Movimento Pentecostal*: Reflexões a propósito do seu primero centenário. Instituto Presbiteriano Mackenzie. Disponível em: http://www.mackenzie.br\6982.html. Acesso em 29\06\2013, 2006.

MAZZAROLLO, Isidoro. *Atos dos Apóstolos.* A Bíblia passo a passo. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MOREIRA, Gilvander Luís. *Lucas e Atos:* uma teologia da história: teologia lucana. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

NASCIMENTO, Telma Ferreira. *Sociologia e mito*. Anais do Congresso Internacional em Ciências da Religião. Goiânia. Ed. PUC Goiás, 2009.

ODORÍSSIO, Mauro. *Atos dos Apóstolos:* texto e comentários: leitura facilitada. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2001.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*. Traduzido por Prócoro Velasquez Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PRANDI, Reginaldo. *A Religião do Planeta Global*. NER – Núcleo de Estudos da Religião. Petróplolis: Editora Vozes, 1997.

QUADROS, Eduardo Gusmão. *O Silêncio e a Balbúrdia*: sobre a experiência pentecosta. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 145-156, jan. 2005.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 2001.
\
SANFORD, Agnes. *Os dons de cura do Espírito Santo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977>

SAYÃO, Luiz. *O reverso de Babel*. Enfoque gospel – revista online. Edição 71, Jun/2007. Disponível em: http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=71&materia=778.

REIMER, Harold. *Elementos e Estrutura do Fenômeno Religioso*. O sagrado e as construções de mundo. Goiânia: Ed. PUC Goiás; Brasília: Editora Universa, 2004.

REIMER, Ivoni Richiter. *A economia no mundo bíblico*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2006.

ROCHER, Guy. *Sociologia Geral* 1. Tradução de Ana Ravara. Editorial Presença. Lisboa 1971.

SANFORD, Agnes. *Os dons de cura do Espírito Santo*. Edições Paulinas. São Paulo, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. 27ª. Ed. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e IzidoroBlikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHAULL, Richard. As transformações profundas à luz de uma teologia evangélica. Vozes. Petrópolis, 1966.

SCHIAVO, Luigi. *Conceitos e Interpretações da religião*. O sagrado e as construções de mundo. Goiânia: Ed. PUC Goiás; Brasília: Editora Universa, 2004.

SILVA, Rafael Vieira. *De Babel a Pentecostes:* um itinerário ético para a informação planetária. Aparecida: Santuário, 1999.

SOUZA, Itamir Neves de, 1946 *Atos, uma história singular:* 77 esboços expositivos. Curitiba: descoberta, 1999.